

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES
LICENCIATURA EM LETRAS-LIBRAS**

FELIPE DOS SANTOS DO CARMO

**TOPONÍMIA EM LIBRAS DOS PARQUES, PRAÇAS E ESPAÇOS DE LAZER
EM RIO BRANCO (AC): ANÁLISE DOS ASPECTOS FORMAIS E
MOTIVACIONAIS DOS SINAIS QUE NOMEIAM OS ESPAÇOS URBANOS**

RIO BRANCO

2021

FELIPE DOS SANTOS DO CARMO

**TOPONÍMIA EM LIBRAS DOS PARQUES, PRAÇAS E ESPAÇOS DE LAZER
EM RIO BRANCO (AC): ANÁLISE DOS ASPECTOS FORMAIS E
MOTIVACIONAIS DOS SINAIS QUE NOMEIAM OS ESPAÇOS URBANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal do Acre, como requisito parcial para a obtenção do título de Graduado em Letras Libras.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa

**RIO BRANCO
2021**

FELIPE DOS SANTOS DO CARMO

TOPONÍMIA EM LIBRAS DOS PARQUES, PRAÇAS E ESPAÇOS DE LAZER
EM RIO BRANCO (AC): ANÁLISE DOS ASPECTOS FORMAIS E
MOTIVACIONAIS DOS SINAIS QUE NOMEIAM OS ESPAÇOS URBANOS

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras-Libras, no Curso de Licenciatura em letras-Libras, da Universidade Federal do Acre.

Rio Branco, 02 de junho de 2021.

Banca examinadora

Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa
Universidade Federal do Acre - UFAC
Orientador

Profa. Ma. Kássia Mariano de Souza
Universidade Federal do Catalão – UFCAT
Examinadora Externa

Prof. Esp. Israel Queiroz de Lima
Universidade Federal do Acre – UFAC
Examinador Interno

Rio Branco
2021

RESUMO

Quando batiza um determinado espaço geográfico, o sujeito nomeador projeta aspectos das características do ambiente físico ou das características antropoculturais de um grupo humano, a partir da visão de mundo partilhada. O estudo dos nomes próprios de lugares cabe à Toponímia, sejam os nomes próprios em línguas orais, sejam em línguas de sinais. O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresenta um estudo sobre os sinais que nomeiam espaços urbanos de Rio Branco: praças, parques e espaços de lazer. A fundamentação teórica se constrói a partir dos trabalhos de Dick (1990, 1992), Sousa (2018, 2019b, 2021), Sousa e Quadros (2019a, 2019b, 2019c), Quadros (2019), Taub (2001) e Perniss (2007). As análises seguem a proposta de Sousa (2019) que adapta a proposta de Dick (1990, 1992) às especificidades das línguas sinalizadas. Foram analisados os aspectos fonomorfológicos de formação dos sinais, os aspectos motivacionais que influenciaram os surdos na nomeação dos espaços, e os aspectos relacionados à iconicidade na formação dos sinais selecionados. Dos doze sinais analisados, quanto às formações morfológicas, o maior percentual foi de formações compostas híbridas, com 41,6%; em seguida, formações simples híbridas, com 33,3%. Com relação à taxionomias, os quantitativos mais expressivos foram: 42% de ergotopônimos, 17% de fitotopônimos e 17% de acronimotopônimos. O estudo mostrou, ainda, que a iconicidade é transparente nos doze sinais analisados.

Palavras-chave: Toponímia. Libras. Espaços urbanos. Rio Branco.

ABSTRACT

When naming a specific geographical space, the nomination subject projects aspects of the characteristics of the physical environment or the anthropocultural characteristics of a human group, based on the shared world view. The studies of the proper names of places are the responsibility of Toponymy, whether the proper names are in oral languages or in sign languages. This Course Conclusion Paper (TCC) presents a study on the signs that name urban spaces in Rio Branco: squares, parks and lezer spaces. The theoretical foundation is built from the work of Dick (1990, 1992), Sousa (2018, 2019b, 2021), Sousa and Quadros (2019a, 2019b, 2019c), Quadros (2019), Taub (2001) and Perniss (2007). The analyzes follow Sousa's proposal (2019), which adapts Dick's proposal (1990, 1992) to the specificities of sign languages. The phonological aspects of sign formation, the motivational aspects that led the deaf in the naming of spaces, and the aspects related to iconicity in the formation of the selected signs were compensated. Of the twelve positive signs, regarding morphological formations, the highest percentage was composed of hybrid formations, with 41.6%; then, simple hybrid formations, with 33.3%. Regarding taxonomy, the most expressive figures were: 42% of ergotoponyms, 17% of phytotoponyms and 17% of acronimotoponyms. The study also revealed that the iconicity is transparent in the visible signs.

Keywords: Toponymy. Pounds. Urban spaces. White River.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Onomástica e interdisciplinaridade	12
Figura 2	Signo toponímico em Libras: termo genérico e termo específico	16
Figura 3	Formação dos signos toponímicos em Libras	17
Figura 4	Processo de formação do sinal icônico	19
Figura 5	Mapa Urbano de Rio Branco (Ac)	21
Figura 6	Capa do Material didático	22
Figura 7	Ficha lexicográfico-toponímica de Dick	23
Figura 8	Ficha toponímica em Libras	25
Figura 9	Parâmetros de formação dos sinais	26
Figura 10	Classificação morfológica dos topônimos em Libras	27
Figura 11	Processo de formação do sinal icônico BUJARI	30
Figura 12	Sinal PARQUE CHICO MENDES em escrita de sinais	32
Figura 13	Sinal PARQUE DA MATERNIDADE em escrita de sinais	33
Figura 14	Sinal PARQUE CAPITÃO CIRÍACO em escrita de sinais	34
Figura 15	Sinal PARQUE DO TUCUMÃ em escrita de sinais	35
Figura 16	Sinal PRAÇA POVOS DA FLORESTA em escrita de sinais	35
Figura 17	Sinal PRAÇA DA REVOLUÇÃO em escrita de sinais	36
Figura 18	Sinal CALÇADÃO DA GAMELEIRA em escrita de sinais	37
Figura 19	Sinal LAGO DO AMOR em escrita de sinais	38
Figura 20	Sinal CONCHA ACÚSTICA em escrita de sinais	39
Figura 21	Sinal USINA DE ARTE JOÃO DONATO em escrita de sinais	40
Figura 22	Sinal HORTO FLORESTAL em escrita de sinais	41
Figura 23	Sinal ARENA ACREANA em escrita de sinais	42
Figura 24	Formação icônica do sinal CALÇADÃO DA GAMELEIRA	47
Figura 25	Formação icônica do sinal CONCHA ACÚSTICA	48
Figura 26	Formação icônica do sinal PARQUE CAPITÃO CIRÍACO	48
Figura 27	Formação icônica do sinal PRAÇA DA REVOLUÇÃO	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Links dos Sinais toponímicos	22
Quadro 2	Classificações taxionômicas	45

LISTA DE GRAFICOS

Gráfico 1	Distribuição quantitativa da formação morfológica	44
Gráfico 2	Distribuição taxionômica	46

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	7
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1	O ato de nomear e os estudos toponímicos	10
2.2	A Toponímia em Línguas de Sinais	15
3	DESCRIÇÃO METODOLÓGICA	20
3.1	Os dados da pesquisa	20
3.2	O armazenamento dos dados	23
3.3	A análise quanto à estrutura fonomorfológica	25
3.4	A análise quanto aos aspectos semântico-motivacionais	27
3.4.1	<i>As taxionomias de natureza física</i>	27
3.4.2	<i>As taxionomias de natureza antropocultural</i>	28
3.5	A análise quanto à iconicidade	30
4	ANÁLISE DOS DADOS	31
4.1	Análise fonomorfológica	31
4.1.1	<i>Descrição fonético-fonológica</i>	31
4.1.2	<i>Classificação morfológica</i>	42
4.2	Análise semântico-motivacional	45
4.3	Análise icônica	47
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
	REFERÊNCIAS	53
	ANEXOS	55

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ato de nomear é inerente ao ser humano (BIDERMAN, 1998). O homem, como forma de organizar os elementos do universo, identificá-los e categorizá-los, atribui nomes. Esse processo se dá na nomeação de objetos, sentimentos, entidades imateriais, animais, indivíduos e lugares. No caso das nomeações de pessoas e lugares, há uma disciplina linguística que se dedica aos seus estudos – a Onomástica – que tem duas principais subáreas: Antroponímia, que estuda os nomes próprios de pessoas; e Toponímia, que estuda os nomes próprios de lugares (SOUSA, 2019a; SOUSA; DARGEL, 2017). Nesta pesquisa, interessa-nos, mais especificamente, a segunda subárea.

No Brasil, os estudos toponímicos iniciaram com Theodoro Sampaio (1901), especificamente com a publicação de *O Tupi na Geografia Nacional*. Segundo Sousa (2007), a obra de Sampaio (1901), que tinha base histórico-etimológica, objetivava estudar os topônimos criados pelos tupis, destacando a carga descritiva dos espaços projetadas nos topônimos. Sousa (2007) aponta, ainda, outras obras que fazem parte dessa fase inicial da toponímia brasileira: *Toponímia Brasília*, de Levy Cardoso (1961) e *Contribuições do Bororó à Toponímia Brasília*, de Carlos Drumond (1965).

Mas foi na década de 80, com o início dos trabalhos de Maria Vicentina do Amaral Dick, que tivemos a construção de uma proposta teórico-metodológica que deu base à maioria dos estudos toponímicos brasileiros até os dias atuais. Essas contribuições de base estão em duas obras de Dick: *A motivação toponímica e a realidade brasileira* (1990) e *Toponímia e antroponímia no Brasil* (1992). A importância dessas obras se dá, especialmente, quanto ao desenvolvimento e orientação de pesquisas toponímicas de espaços geográficos no território brasileiro, em língua portuguesa e em línguas indígenas.

As pesquisas toponímicas em Libras, no Brasil, iniciaram com os trabalhos de Souza-Junior (2012) e Aguiar (2012). O primeiro, partindo da proposta metodológica de Dick (1990;1992), identificou, armazenou e analisou 265 topônimos em Libras de cidades brasileiras. Aguiar (2012), por sua vez, coletou 472 sinais de localidades geográficas constantes no *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira* (Deit-Libras), de Capovilla e Raphael (2001). A análise de Aguiar se deteve a dois aspectos: origem e iconicidade.

Em 2008, o *Projeto Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira* (Projeto ATAQB) foi iniciado na Universidade Federal do Acre sob a coordenação do professor Alexandre Melo de Sousa, com o objetivo de traçar o perfil toponímico do estado do Acre, a partir da análise dos nomes dos acidentes geográficos físicos (rios, igarapés, cachoeiras, serras etc.) e humanos (municípios, ruas, bairros, ramais, praças, seringais etc.), tanto urbanos, quanto rurais (SOUSA, 2008). O Projeto ATAQB, a princípio, previa o estudo toponímico apenas de línguas orais – como a língua portuguesa e as línguas indígenas – contudo, a partir de 2016, a pesquisa foi iniciada também em Libras, com orientações do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFAC), como as de Manuela Trindade Bezerra: *Formação dos sinais toponímicos acreanos* (2016), que realizou uma análise preliminar dos sinais dos municípios de Rio Branco em seus batismos; e *Sinais toponímicos do Acre: a iconicidade no processo de formação* (2017), que verificou os referentes icônicos dos 22 municípios do Acre; e de Vicharlisson Brito Alemão, *Projeto ATAQB: armazenamento e dados em Libras* (2018), que procedeu com o armazenamento e adaptações das fichas digitais para os dados em Libras do Projeto ATAQB.

Essas pesquisas iniciais, favoreceram a continuidade em pesquisas mais amplas sobre a toponímia em Libras no Acre sob a responsabilidade do professor Alexandre Melo de Sousa. Cabe citar: Sousa (2018), em que apresenta uma proposta metodológica preliminar para o estudo toponímico em línguas de sinais; Sousa e Quadros (2019b), em que, em parceria com a professora Ronice Müller de Quadros, propõe uma ficha digital lexicográfico-toponímica para o armazenamento de dados toponímicos valorizando as especificidades das línguas de modalidade visual-espacial; e Sousa (2019b), em que apresenta contribuições para a análise estrutural dos topônimos em Libras e para os procedimentos de classificação dos topônimos quanto aos aspectos motivacionais, partindo das propostas de Dick (1990, 1992) para as línguas orais.

A presente pesquisa tem por objetivo analisar os sinais em Libras que nomeiam parques, praças e outros espaços públicos de Rio Branco, Acre, seguindo a proposta de Sousa (2019b). Partimos da seguinte questão: Sabendo que por meio dos estudos toponímicos é possível identificar fatores culturais e linguísticos envolvidos no ato de nomeação dos espaços, quais fatores línguo-culturais são refletidos nos sinais em Libras que nomeiam os parques, praças e espaços de lazer em Rio Branco (AC)?

Para responder a referida questão, foram traçados os seguintes objetivos específicos: a) Identificar e catalogar os sinais em Libras dos parques, praças e espaços de lazer em Rio Branco; b) Analisar, fonológica e morfologicamente, os sinais em Libras que nomeiam os parques, praças e espaços de lazer em Rio Branco; c) Descrever os fatores motivacionais de cada sinal em Libras que nomeia parques, praças e espaços de lazer em Rio Branco; d) Classificar os sinais toponímicos selecionados quanto aos aspectos motivacionais; e) Quantificar os sinais toponímicos coletados, de acordo com as categorias taxionômicas motivacionais.

Selecionamos doze sinais de parques, praças e espaços de lazer atribuídos pelos surdos rio-branquenses, sendo quatro sinais para Praças (PRAÇA POVOS DA FLORESTA, PRAÇA DA REVOLUÇÃO, CALÇADÃO DA GAMELEIRA, LAGO DO AMOR), quatro sinais para Parques (PARQUE DO TUCUMÃ, PARQUE DA MATERNIDADE, PARQUE AMBIENTAL CHICO MENDES, PARQUE CAPITÃO CIRÍACO) quatro sinais para Espaços de Lazer (CONCHA ACÚSTICA, USINA DE ARTE JOÃO DONATO, HORTO FLORESTAL, ARENA ACREANA), que foram armazenados em fichas digitais e analisados quanto aos fatores estruturais, semântico-motivacionais e icônicos.

Entendemos as contribuições que a presente pesquisa oferece quando adotamos a concepção de que, como destacam Amaral e Seide (2020, p. 10), a toponímia é a área de pesquisa que busca analisar os fatores motivacionais que são levados em consideração para a nomeação dos espaços. Desse modo, ao realizar um estudo toponímico em Libras, é possível identificar fatores que estão por trás do ato de batizar os espaços geográficos pelos surdos – sejam fatores históricos, sociais, místico-religiosos, descritivos, ambientais, culturais, psicológicos.

Este trabalho está dividido em três partes principais: na primeira trataremos da fundamentação teórica que embasou nossa investigação; na segunda, descreveremos a metodologia utilizada e a descrição de cada uma das etapas de análise; na terceira, procederemos a análise dos dados propriamente dita; na última, faremos as considerações finais e sintetizaremos os resultados alcançados.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

As línguas naturais são formadas por gramática e léxico, sendo este último um “sistema completamente aberto e em constante mudança” (ARAÚJO, 2013). Seabra (2006, p. 1953) define o léxico como um grupo de palavras de uma língua que é responsável por nomear e significar tudo aquilo que existe no universo. É a partir do léxico que o universo é nomeado e categorizado, considerando os fatores culturais, cognitivos e linguísticos da palavra (BIDERMAN, 1998).

Na presente seção, trataremos dos aspectos relacionados à nomeação de espaços em línguas orais e em línguas de sinais. Inicialmente, apresentaremos alguns aspectos teóricos sobre o léxico e o ato de nomear – importantes como base para nossa pesquisa. Em seguida, trataremos das nomeações em línguas de sinais.

2.1 O ato de nomear e os estudos toponímicos

Para Sousa e Dargel (2017, p. 10), o léxico constitui o conjunto de todas as palavras acumuladas pela humanidade em suas línguas nos mais diversos períodos históricos linguísticos, observando suas variações e atribuições culturais de um povo.

O ato de nomear, portanto, é característica única dos seres humanos, que faz com que o homem atribua significados e valores ao que está em sua volta ao atribuir uma denominação ao universo que o cerca. Como assinala Seabra:

[...] é através dos nomes que o homem exerce a sua capacidade de exprimir sentimentos e idéias, de cristalizar conceitos. Assim, o patrimônio lexical de uma língua constitui um arquivo que armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, refletindo percepções e experiências multisseculares de um povo (SEABRA, 2006, p. 1953).

Com isso percebemos que ao nomear, o ser humano atribui significados a partir de suas experiências, crenças ou cultura, tornando esse ato exclusivo da humanidade. Por isso Biderman (2001, p. 88) explica que “é a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria universo significativo revelado pela linguagem”.

Biderman (1998, p. 88) trata, ainda, do processo de categorização como próprio das nomeações:

A atividade de nomear, isto é, a utilização de palavras para designar os referentes extra-lingüísticos é específica da espécie humana. A nomeação resulta do processo de categorização. Entende-se por caracterização a classificação de objetos feita por um sujeito humano, resultando numa única resposta a uma determinada categoria de estímulos do meio ambiente. (BIDERMAN, 1998, p. 88).

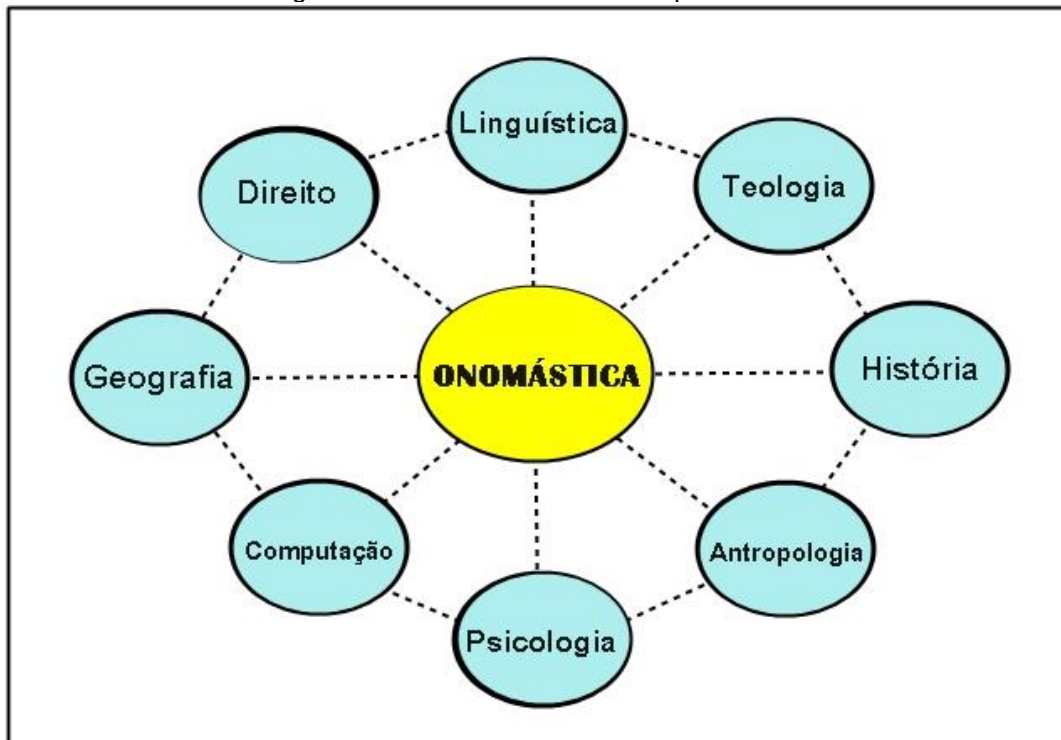
Para a pesquisadora em questão, registrar o conhecimento do universo, nomear tudo aquilo que está em sua volta é uma forma de classificação que ocorre naturalmente e a partir dessa classificação o homem passou a estruturar o mundo em seu redor. Nas palavras dela, “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e da categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras” (BIDERMAN, 1998, p. 92).

O processo de significação do mundo ao redor do homem, como explica Biderman (1998, p. 92), pode ocorrer de forma distinta conforme a cultura de cada povo, assim criando sistemas semânticos linguísticos distintos e variados.

Seabra (2006, p. 1953) explica que, dentro dos estudos do léxico, é a Onomástica que se dedica ao estudo dos nomes próprios de pessoas e de acidentes geográficos físicos e humanos, dado como uma ciência da linguagem que se divide em duas áreas: Antroponímia e a Toponímia.

Sousa e Dargel (2017, p. 11) apontam que, apesar da Onomástica ser área de estudo da linguística, ela tem caráter interdisciplinar, por receber influência de outras áreas como a psicologia, literatura, religião e entre outras. Os autores apresentam um esquema que ilustra a questão interdisciplinar inerente aos estudos onomásticos, que adaptamos na figura a seguir:

Figura 1 – Onomástica e interdisciplinaridade



Fonte: Adaptado de Sousa e Dargel (2017, p. 12).

Essa convergência de áreas, segundo os autores, faz com que a ciência dedicada à análise dos nomes próprios seja fundamentalmente interligada a outros ramos do saber, mas sem perder sua autonomia na ciência da linguagem.

Conforme apontado por Seabra (2006, p. 1953), a Antroponímia realiza estudos sobre a nomeação das pessoas, considerando os fatores motivacionais para nomes, sobrenomes e apelidos.

Para Amaral e Seide (2020, p. 10), a Antroponímia estuda a origem de nomes próprios de pessoas, nomes individuais, parentais, sobrenomes, apelidos. Este ramo de pesquisa mantém seu foco de estudo apenas nos batismos que são realizados ao ser humano.

Sousa e Quadros (2019a, p. 137) destacam que a Toponímia é uma área da Onomástica que realiza estudos dos nomes dos espaços geográficos da natureza física e humana, sendo os estudos dos batismos dos rios, serras, montanhas ou nome de municípios, ruas, objetos etc.

O fato é que a Toponímia abrange a cultura em geral e propicia investigações tanto no campo da linguística como de outras áreas de conhecimento, permitindo intercruciar dados culturais de uma dada comunidade linguística a fim de conhecer peculiaridades cognitivas do usuário da língua tanto numa perspectiva individual quanto coletiva, para, a partir daí conhecer os fatores

que possivelmente motivaram a nomeação de um determinado lugar (SOUSA; QUADROS, 2019a, p. 140).

Seabra (2006, p. 1957), em trabalho anterior, explica que a toponímia é um modo de investigação linguística que aborda o modo de viver de um povo, uma cultura e maneiras de representar seus valores.

Para Sousa (2019a, p. 19), o topônimo é considerado como um produto cultural pois destaca a realidade material e espiritual do ser humano, assim possibilitando um estudo do processo histórico, social e do ambiente que o ser humano viveu refletidos nas línguas e por sua vez na toponímia. O autor se apoia nas palavras de Dick (1990, p. 19):

Dizer-se, por isso mesmo, que a Toponímia reflete de perto a vivência do homem, enquanto entidade individual e enquanto membro do grupo que o acolhe, nada mais é que reconhecer o papel por ela desenvolvido no ordenamento dos fatos cognitivos.

Nesse sentido, percebe-se que por meio das pesquisas toponímicas é possível realizar um recorte histórico no tempo, assim recuperando fatores culturais, alterações no ambiente, crenças e costumes de um determinado povo e influências do homem sobre o mundo, conforme Dick (1990, p. 30).

Para Dick (1990, p. 31), o ato de nomear o mundo por signos linguísticos é a representação do pensamento do homem que está ligado aos estímulos psíquicos por meio de processos mentais como o pensar, compreender e raciocinar.

A efetiva capacidade do ser humano para a linguagem permite-lhe, conseqüentemente, traduzir em “formas significativas” ou em “palavras”, os mais variados aspectos de sua cultura, integralizando-os em um todo orgânico (DICK, 1990, p. 32).

Dick (1990, p. 35-36), dando continuidade aos seus estudos, explica que a Toponímia é um imenso complexo de língua e cultura onde se inter-relaciona com outras ciências de forma necessária, mas não exclusiva, considerando a toponímia como um fato do sistema das línguas humanas.

Muito embora seja o topônimo, em sua estrutura, como já se acentuou, uma forma de língua, ou um significante animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, marcando-o duplamente: o que era arbitrário em termos de língua, transforma-se no ato

do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser uma das principais características do topônimo (DICK, 1990, p. 38).

Isquerdo (2001, p. 92) lembra a importância de considerar nos estudos do léxico toponímico as questões inerentes aos aspectos culturais dos povos nomeadores. Para ela, os dados recolhidos nas pesquisas lexicais sempre estão refletindo “elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo (ISQUERDO, 2001, p. 91).

Dick (1990, p. 39) explica, ainda, que o signo linguístico na Toponímia representa uma projeção aproximada da realidade do referente, assim tornado claro o significado do objeto nomeado realizando referência a cor, tamanho e a constituição natural do referente.

Esses dados são considerados relevantes na análise das nomeações espaciais uma vez que no próprio topônimo, como releva a pesquisadora, temos um espelho do próprio conjunto de valores de um povo, ou um retrato físico-descritivo do local nomeado.

Segundo Dick (1990, p. 42), a Toponímia tem sua importância como fonte de conhecimento da língua falada em determinado lugar e também forma de descoberta de ocorrências geográficas, históricas e sociais vividas por um povo que habitou definitivamente ou de forma temporária uma região.

A autora pontua, ainda, que a motivação dos topônimos pode ser analisada por dois pontos de vistas: o do dominador, que utiliza de suas razões para realizar a escolha de uma de suas possibilidades que se adequam as suas necessidades do momento dentro de um processo de paradigmas dentre as suas possibilidades; e o ponto de vista da natureza do produto, ou seja, a substância do topônimo revelada pelos componentes linguísticos.

O que se quer insistir e deixar claro, porém, é que a “intenção” do nomeador, quando dela não tiver certeza plena, conduz apenas suposições, na tentativa de justificar o aparecimento do topônimo na área, as quais, na realidade conseguirão tão somente aflorar a superfície dos fatos (DICK, 1990, p. 53).

Pelo exposto, percebemos o quão significativa é a análise de um topônimo quando considerados os aspectos enumerados por Dick (1990), Seabra (2006), Isquerdo (1998), Biderman (1998), Sousa (2019a). Esses pesquisadores, contudo, se dedicam aos estudos em línguas orais, especialmente seguindo os pressupostos

teórico-metodológicos de Dick (1990, 1992). Na próxima seção, trataremos dos estudos toponímicos em línguas de sinais.

2.2 A Toponímia em Línguas de Sinais

Os estudos em línguas de sinais são muito recentes no Brasil. Podemos dizer que eles começaram em meados de 1980, com a pesquisa de Lucinda Ferreira-Brito sobre a língua de sinais dos índios Urubu-Kaapor na floresta amazônica. Em 1995, Ferreira-Brito publica a obra: *Por uma gramática da língua de sinais*, que serve até os dias atuais, de referência para os estudos descritivos da Libras. Sousa e Barreiros (2020, p. 4) alertam que:

Os estudos desenvolvidos a respeito das línguas de sinais vão além da proposta estrutural, observando, ainda, fatores como: expressividade, construções semântico-pragmáticas, observações cognitivo-perceptual, análises variacionais e sociolinguísticas, entre outras.

A partir desse estudo inicial, outros foram se desenvolvendo tratando dos aspectos estruturais da Libras, do seu funcionamento, da sua aquisição etc. Contudo, os estudos toponímicos em Libras iniciaram com Souza-Junior (2012) – que identificou, armazenou e analisou 265 topônimos em Libras de cidades brasileiras – e Aguiar (2012) – que coletou 472 sinais de localidades geográficas constantes no Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Deit-Libras), de Capovilla e Raphael (2001) e os analisou quanto à origem e à iconicidade.

Para Souza-Junior (2012, p. 20), o ato de nomear nas línguas de sinais ocorre de forma distinta das línguas orais. Os dados analisados pelo pesquisador mostraram a influência da língua portuguesa por meio de alguns empréstimos: seja pela soletração (datilologia) do topônimo em língua portuguesa, seja pela utilização das letras iniciais das nomeações em língua oral.

Aguiar (2012) também destacou a influência da língua portuguesa nos sinais toponímicos analisados. Destacou, ainda, as referências icônicas em muitos sinais. Os estudos de Souza-Junior (2012) e Aguiar (2012) diferenciam, sobretudo, porque o primeiro partiu da proposta metodológica de Dick (1990, 1992) para a análise dos topônimos, tanto em relação à estrutura, quanto em relação aos aspectos motivacionais,

Sousa (2019b), também partindo das ideias de Dick (1990, 1992), descreve os aspectos estruturais dos topônimos em Libras a partir da composição dos sinais. O autor, assim, aponta que os topônimos podem ser formados inicialmente pelos termos genérico e específico, como pode ser visualizado na figura a seguir:

Figura 2 – Signo toponímico em Libras: termo genérico e termo específico



Fonte: Sousa (2019b)

Sousa (2019b), contudo, observa que a formação dos signos toponímicos em Libras se dão de quatro maneiras: formação simples, formação simples híbrida, formação composta e formação composta híbrida, conforme apresentada na Figura 3 a seguir:

Figura 3 – Formação dos signos toponímicos em Libras

TERMO ESPECÍFICO	TIPO DE FORMAÇÃO	DESCRIÇÃO
	Formação Simples	O termo específico SENA MADUREIRA é estruturado por um sinal na língua nativa (Libras): dedo indicador em movimentos circulares apontando para a boca (fazendo referência ao mandi, peixe próprio da região)
	Formação Simples Híbrida	O termo específico TARAUCÁ é estruturado por um sinal que apresenta, em sua formação, a configuração em T (letra inicial do topônimo em língua oral)
	Formação Composta	O termo específico ACRE ^s é estruturado por dois sinais, ambos em língua nativa (Libras): sinal ESTRELA + sinal ESPADA
	Formação Composta Híbrida	O termo específico JORDÃO é estruturado por dois sinais: um com a configuração em J (letra inicial no topônimo em língua oral) seguido de outro em língua nativa (sinal BARCO)

Fonte: Sousa (2019b).

Desse modo, o pesquisador propõe que a classificação da formação dos topônimos em Libras siga as características morfológicas de formação própria da construção dos sinais em língua visual-espacial. Trata-se de uma contribuição para os estudos toponímicos em Libras e, embora parta da ideia inicial de Dick (1990, 1992), inclui a formação “simples híbrida” muito comum nos processos morfológicos das línguas sinalizadas, quando se observa a influência da língua oral na incorporação articulatória do sinal. Essa orientação será seguida na presente pesquisa.

Quanto aos aspectos motivacionais dos topônimos em Libras, o autor segue, também em parte, a proposta de Dick (1990, 1992), mas observa as especificidades próprias das línguas de modalidade visual-espacial.

Sousa (2019b) explica que o padrão motivacional dos sinais toponímicos segue dois princípios distintos: No primeiro, o sinal é constituído, exclusivamente, com base na língua nativa (de natureza visual-espacial) e, dessa forma, a referência é direta; e no segundo princípio, o sinal é concebido por hibridismo, em conformidade com os processos de empréstimo por transliteração lexicalizada ou por transliteração por letra inicial.

Quando se trata de topônimos em Libras, segundo Sousa (2019a), é importante destacar 3 situações quanto à classificação taxionômica, uma vez que, pelo aspecto visual da língua, é possível agregar dois fatores motivacionais refletidos na articulação do sinal. Nas palavras de Sousa (2019b):

- a) Primeira situação: o topônimo será classificado como *Grafotopônimo*, “caso se apresente em forma datilológica total (transliteração), com base na taxionomia proposta por Souza Júnior (2012)” (SOUSA, 2019b, p. 18);
- b) Segunda situação: o topônimo será classificado como *Acronimotopônimo*, “caso se apresente só uma ou duas CM correspondente a letras do topônimo em língua oral, “sem alterar as características estruturais da CM. Para tanto, orientamo-nos na taxionomia proposta por Francisquini (1998)” (SOUSA, 2019b, p. 18);
- c) Terceira situação: o topônimo será classificado de acordo com a taxionomia elaborada por Dick (1990; 1992) – quanto à motivação semântica e à representação icônica do sinal – ainda que o topônimo “se apresente com a CM correlacionada à letra inicial, ou com duas CMs correlacionadas às letras” [...] “desde que estejam incorporadas à estrutura icônica do sinal toponímico

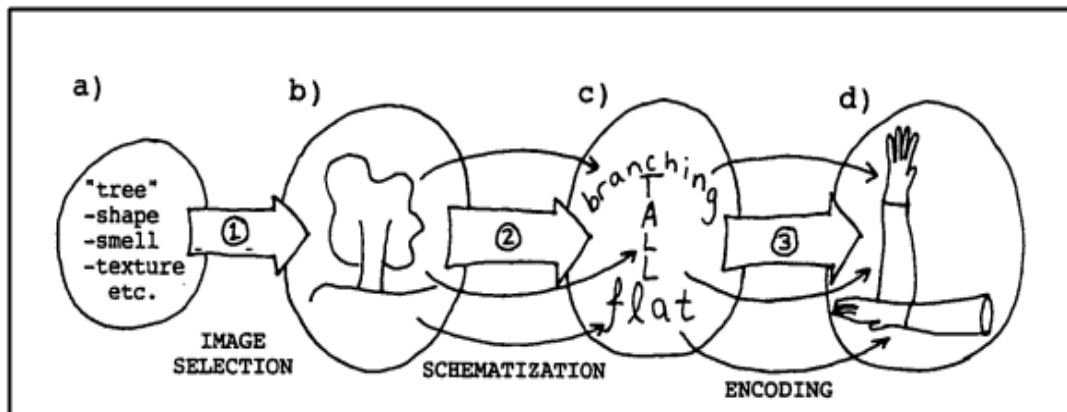
(em um processo de aglutinação) ou acrescentadas de movimentos ou mudança de locação” (SOUSA, 2019b, p. 18).

Outro aspecto importante a se observar numa análise toponímica em Libras diz respeito à iconicidade. Taub (2001) descreve a produção dos sinais icônicos a partir de três etapas:

- a) seleção de imagem (*image selection*): é a etapa de escolha de uma imagem que representa o referente;
- b) esquematização (*schematization*): é a etapa de reformulação da imagem representativa, considerando as características mais relevantes, possíveis de serem estruturadas na articulação fonética e na correspondência semântica da língua;
- c) codificação (*encoding*): é a etapa da materialização da forma linguística, ou seja, do sinal.

Taub (2001) ilustrou o processo de formação dos sinais icônicos por meio do esquema a seguir:

Figura 4 – Processo de formação do sinal icônico



Fonte: Taub (2001).

De acordo com Perniss (2007), a iconicidade é uma característica que constitui a estrutura em línguas de sinais, uma vez que a modalidade visual-espacial, em que os sinais são produzidos numa perspectiva tridimensional, favorece a relação entre o sinal e seu referente.

Estudos como o de Taub (2001), Perniss (2007) e Sousa (2021) têm mostrado como a relação direta entre a forma do sinal e seu significado é comum nas línguas de sinais. No caso de Sousa (2021), os dados apontaram a iconicidade em sinais toponímicos dos municípios do Acre. Na presente pesquisa, como assinalado na

introdução, observaremos a iconicidade nos sinais dos parques, praças e espaços de lazer em Rio Branco (AC).

Na próxima seção, descreveremos os aspectos metodológicos que conduziram o presente estudo

3 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

A presente pesquisa se classifica como descritiva com abordagem quali-quantitativa. Para Gil (2008, p. 28) uma pesquisa descritiva tem como objetivo a descrição das características de determinada população, fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis tendo como característica marcante a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.

Gil (2008, p. 175) explica que uma pesquisa qualitativa tem por objetivo uma investigação de aspectos reais que não podem ser quantificados, esse tipo de estudo metodológico analisa e identifica dados de uma determinada questão de pesquisa para obtenção de resultados que não podem ser mensurados, mas refletidos e analisados com base subjetiva sobre o objeto de pesquisa e seus resultados são apresentados através de reflexões e não por estatísticas. Na abordagem quantitativa Gil (2008, p. 176) aponta que uma análise quantitativa se refere a capacidade de um instrumento para medir de fato aquilo que se propõe a medir recorrendo a linguagem matemática para descrever causas de um fenômeno com relações variáveis tornando os resultados mensuráveis.

Desse modo, a presente pesquisa encaixa-se tanto como pesquisa qualitativa quanto quantitativa, pois é possível realizar uma reflexão acerca dos dados coletados e também quantificar os resultados por meio da linguagem matemática.

3.1 Os dados da pesquisa

No presente texto, tratamos da nomeação de espaços geográficos urbanos em Libras, especificamente dos parques, praças e espaços de lazer Rio Branco (Ac). O corpus deste trabalho é formado por doze sinais toponímicos da Língua Brasileira de Sinais – Libras, utilizados pela comunidade surda de Rio Branco (Ac) sendo quatro sinais para Praças (PRAÇA POVOS DA FLORESTA, PRAÇA DA REVOLUÇÃO, CALÇADÃO DA GAMELEIRA, LAGO DO AMOR), quatro sinais para Parques (PARQUE DO TUCUMÃ, PARQUE DA MATERNIDADE, PARQUE AMBIENTAL CHICO MENDES, PARQUE CAPITÃO CIRÍACO) quatro sinais para Espaços de Lazer (CONCHA ACÚSTICA, USINA DE ARTE JOÃO DONATO, HORTO FLORESTAL, ARENA ACREANA).

Considerando quantidade de topônimos dos espaços na cidade de Rio Branco, para a realização desta pesquisa selecionamos apenas doze topônimos dos espaços que possuem grande frequência de circulação de pessoas, para que a pesquisa fosse realizada no tempo proposto. Esses dados foram coletados em dois momentos.

O primeiro momento de coleta destes dados ocorreu por meio do mapa urbano de Rio Branco (Ac) – Figura 5 a seguir – que possibilitou a localização dos referidos espaços urbanos.

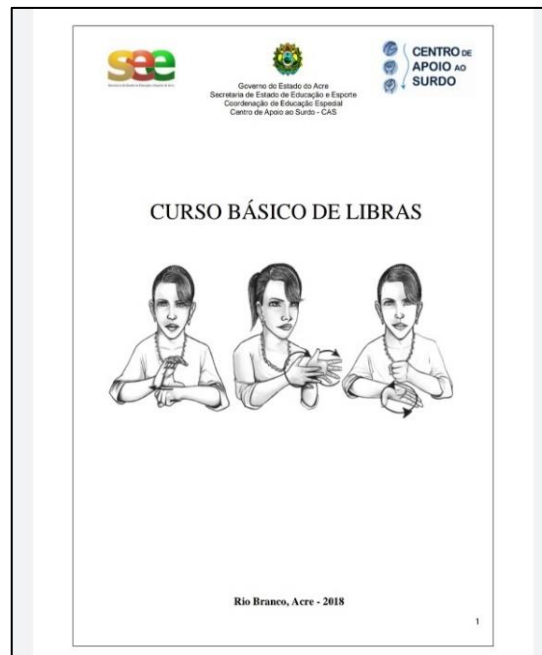
Figura 5 – Mapa Urbano de Rio Branco (Ac)



Fonte: Site Cidade Brasil (2021).

No segundo momento, de posse dos nomes dos espaços urbanos que nos interessavam em língua portuguesa, passamos à coleta dos sinais correspondentes. Para isso, consultamos materiais didáticos fornecidos pelo Centro de Apoio ao Surdo (CAS/AC) – Figura 6 – nos quais os sinais eram apresentados por meio de imagens (desenhos).

Figura 6 – Capa do Material didático



Fonte: Centro de Apoio ao Surdo (CAS/AC)

Concluída a coleta, passamos à filmagem dos sinais e armazenamento no *Youtube*, especificamente no canal privado utilizado para o armazenamento dos dados do projeto Toponímia em Libras, sediado na Universidade Federal do Acre, coordenado pelo professor Dr. Alexandre Melo de Sousa. Os sinais podem ser visualizados por meio dos links a seguir:

Quadro 1 – Links dos Sinais toponímicos

SINAL	LINK
PRAÇAS	
CALÇADÃO DA GAMELEIRA	https://youtu.be/rJvCgjFoTRQ
LAGO DO AMOR	https://youtu.be/jK0_0Cc0tz0
PRAÇA DA REVOLUÇÃO	https://youtu.be/JC2TD-1rz2U
PRAÇA POVOS DA FLORESTA	https://youtu.be/ZH7aJrCE-M4
PARQUES	
PARQUE CHICO MENDES	https://youtu.be/tz_yriNeONk
PARQUE CAPITÃO CIRÍACO	https://youtu.be/-TtohjXNk20
PARQUE DA MATERNIDADE	https://youtu.be/IXa_TN-e_lc
PARQUE DO TUCUMÃ	https://youtu.be/9V9p0lwhO9I
ESPAÇOS DE LAZER	
ARENA ACREANA	https://youtu.be/33GrUrqPxzl
CONCHA ACÚSTICA	https://youtu.be/54vXhiC2GRs
HORTO FLORESTAL	https://youtu.be/v6kCH6aWLIY
USINA DE ARTES JOÃO DONATO	https://youtu.be/BEh2rznwUVM

Fonte: produzido pelo autor.

3.2 O armazenamento dos dados

No Brasil, os estudos toponímicos atuais têm seguido, em sua grande maioria, a proposta teórico-metodológica de Dick (1990; 1992), que estuda os topônimos (das línguas orais, como língua portuguesa e línguas indígenas brasileiras) em seus aspectos estruturais e semântico motivacionais. Dick (2004), como parte de sua orientação teórico-metodológica, elaborou uma ficha lexicográfico-toponímica com os elementos necessários para a descrição dos topônimos, como vemos na figura a seguir:

Figura 7 - Ficha lexicográfico-toponímica de Dick

Município:	
Localização:	
Topônimo:	
AH:	Taxionomia:
Etimologia:	
Entrada Lexical:	
Estrutura Morfológica:	
Histórico:	
Informações Enciclopédicas:	
Contexto:	
Fonte:	
Pesquisadora:	
Revisora:	
Data da coleta:	

Fonte: Dick (2004)













Para que fosse possível a realização de estudos toponímicos nas línguas de modalidade visual-espacial, Sousa e Quadros (2019b) optaram por uma adaptação da ficha para as línguas de sinais, contemplando características próprias das línguas de sinais e valorizando os aspectos visuais, próprios dos surdos.

A ficha proposta por Sousa e Quadros (2019b) contém as seguintes informações: (a) Localização do topônimo (link do Google Maps de localização do topônimo); (b) Tipo de acidente geográfico (acidente geográfico físico ou humano); (c) Topônimo em Libras (sinal utilizado pelo surdo para nomear o espaço apresentado em vídeo); (d) Classificação Taxionômica para o topônimo em Libras (classificação quanto aos aspectos motivacionais de criação dos topônimos. São utilizadas as taxionomias de Dick e colaboradores); (e) Descrição da Sinalização (Estrutura do

sinal toponímico em imagem); (f) Topônimo em Escrita de Sinais (Sinal em SignWriting); (g) estrutura fonológica do sinal toponímico (Descrição fonológica do sinal em seus parâmetros formadores); (h) estrutura morfológica do sinal toponímico (Indicação da estrutura de formação do sinal: simples, simples híbrida, composta e composta híbrida); (i) Contexto motivacional de criação do sinal (vídeos dos informantes surdos); (j) Informações históricas e geográficas do espaço pesquisado (vídeo em Libras sobre informações históricas e geográficas do espaço pesquisado); (l) Fonte (obras, vídeos, mapas, sites ou outras fontes utilizadas para a coleta dos dados e para o preenchimento das fichas); (m) pesquisadores (Surdos e ouvintes que participaram da coleta, do preenchimento e da revisão das informações constantes na ficha).

Para o presente trabalho, contemplamos, da proposta de Sousa e Quadros (2019b), os seguintes campos: localização, acidente geográfico, topônimo em libras. Classificação taxionômica, sinalização, topônimo em signwriting, estrutura fonológica, classificação morfológica, referência icônica, pesquisador e orientador da pesquisa, como ilustrado a seguir:

Figura 8 - Ficha toponímica em Libras

Toponímia em Libras – Acre															
Localização	https://goo.gl/maps/LT87uwpNduTVd46A8														
Acidente geográfico	A.H. Parque														
Topônimo em Libras	https://youtu.be/9V9p0lwhO9I														
Classificação Taxionômica	<u>Acronimotopônimo</u>														
Sinalização															
Topônimo em <u>SignWriting</u>															
Estrutura fonológica	<table border="1"> <thead> <tr> <th>Configuração de mãos</th> <th>Ponto de articulação</th> <th>Movimento</th> <th>Orientação da palma</th> <th>Expressão Facial/corporal</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td></td> <td rowspan="2">Nestas.</td> <td></td> <td> Mão exposta para a palma da mão para a mão direita.</td> <td></td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td> Mão aberta com a palma da mão no diagonal exposta para frente.</td> <td>Não há.</td> </tr> </tbody> </table>	Configuração de mãos	Ponto de articulação	Movimento	Orientação da palma	Expressão Facial/corporal		Nestas.		 Mão exposta para a palma da mão para a mão direita.				 Mão aberta com a palma da mão no diagonal exposta para frente.	Não há.
Configuração de mãos	Ponto de articulação	Movimento	Orientação da palma	Expressão Facial/corporal											
	Nestas.		 Mão exposta para a palma da mão para a mão direita.												
			 Mão aberta com a palma da mão no diagonal exposta para frente.	Não há.											
Classificação morfológica	Formação Simples Híbrida														
Referência icônica	Letras do topônimo em Língua Portuguesa														
Pesquisador	Felipe dos Santos do Carmo														
Orientador do projeto	Alexandre Melo de Sousa														

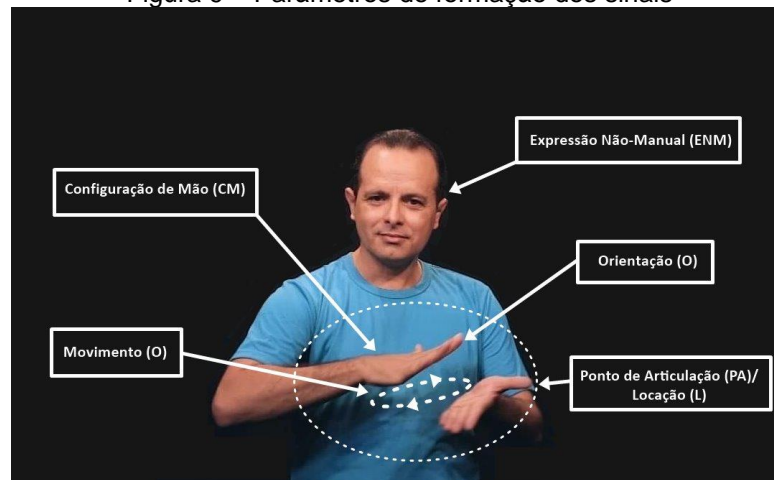
Fonte: produzido pelo autor.

Consideram-se, ainda, o fato de se tratar de uma língua espacial, que se produz no espaço tridimensional. Desse modo, optam-se pelos vídeos para a ilustração do sinal toponímico, adequados para a classificação semântico-motivacional e icônica dos sinais.

3.3 A análise fonomorfológica

Nesta pesquisa, seguindo as orientações de Sousa (2019) faremos a descrição dos sinais coletados a partir da sua estrutura fonético-fonológica. Serão considerados os parâmetros de formação de cada sinal, como ilustrado a seguir:

Figura 9 – Parâmetros de formação dos sinais



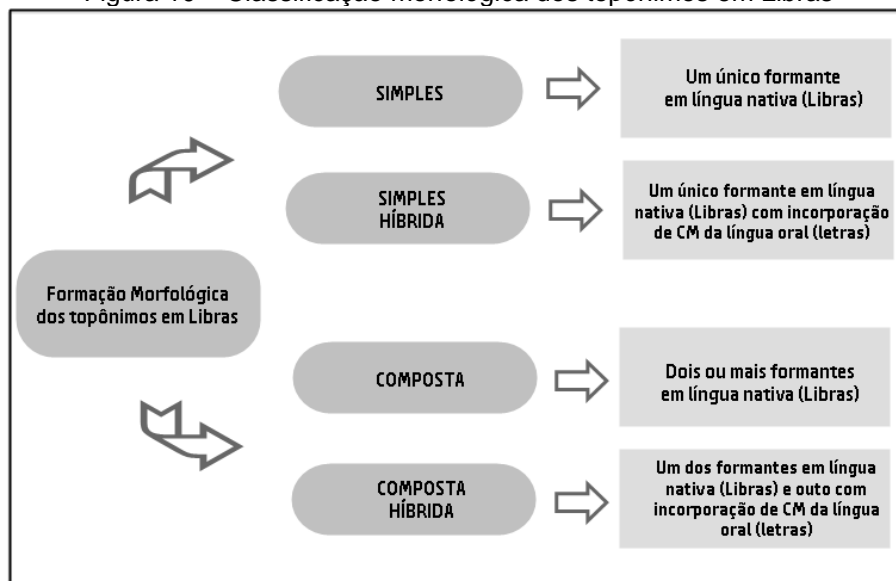
Fonte: Sousa (2021).

Os dados são escritos em *SignWriting*, que consiste num sistema de grafia que considera os parâmetros de formação dos sinais em Libras: configuração de mão, Movimento, orientação, ponto de articulação e expressões não manuais.

A descrição fonético-fonológica é primordial para a verificação dos articuladores envolvidos no processo de produção do sinal – que terá influência na formação morfológica e na referência icônica do sinal.

Para a classificação morfológica, utilizaremos a proposta de Sousa (2019), que tomo por base, como já dito, a descrição de Dick (1990, 1992). A classificação de Sousa (2019) é esquematizada a seguir:

Figura 10 – Classificação morfológica dos topônimos em Libras



Fonte: produzido pelo autor.

Essa análise fonomorfológica será seguida da análise semântico motivacional dos sinais toponímicos em Libras selecionados para o presente estudo. No caso da análise referente às formações morfológicas dos topônimos, apresentaremos, ainda, um gráfico com os números percentuais das formações mais preponderantes no nosso *corpus*.

3.4 A análise semântico-motivacional

Para a classificação dos dados, quanto ao aspecto semântico-motivacional, utilizamos principalmente a classificação taxionômica proposta por Dick (1992), que distribui as categorias em dois tipos: as de natureza física, e as de natureza antropocultural, como descritos a seguir:

3.4.1 Taxionomias de Natureza física

- a) **Astrotopônimos:** topônimos que fazem referência aos astros (corpos celestes) em geral.
- b) **Cardinotopônimos:** topônimos que fazem relação às posições geográficas em geral (norte, sul, leste, nordeste etc.)
- c) **Cromotopônimos:** topônimos que fazem relação às cores em geral.
- d) **Dimensiotopônimos:** topônimos que fazem relação às dimensões dos acidentes geográficos (tamanhos, alturas etc.)
- e) **Fitotopônimos:** topônimos que fazem relação à flora.
- f) **Geomorfotopônimos:** topônimos que fazem relação às formas dos acidentes geográficos.
- g) **Hidrotopônimos:** topônimos que fazem relação às águas, à hidrografia em geral.
- h) **Litotopônimos:** topônimos que fazem relação aos elementos minerais ou aos elementos do solo.
- i) **Meteorotopônimos:** topônimos que fazem relação aos diferentes fenômenos atmosféricos.
- j) **Morfotopônimos:** topônimos que fazem relação às formas geométricas.
- k) **Zootopônimos:** topônimos que fazem relação à fauna.

3.4.2 Taxionomias de natureza antropocultural:

- a) **Animotopônimos:** topônimos que fazem relação à vida psíquica, à cultura espiritual, aos sentimentos.
- b) **Antropotopônimos:** topônimos que fazem relação aos nomes próprios (nome, sobrenome, apelidos) de pessoas.
- c) **Axiotopônimos:** topônimos que fazem relação aos títulos, patentes, dignidades que acompanham nomes próprios de pessoas.
- d) **Corotopônimos:** topônimos que fazem relação a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes.
- e) **Cronotopônimos:** topônimos que fazem relação aos marcadores de tempo (cronologia) representados pelos adjetivos novos(as), velhos(as).
- f) **Ecotopônimos:** topônimos que fazem relação aos tipos de habitações em geral.
- g) **Ergotopônimos:** topônimos que fazem relação aos elementos da cultura material.
- h) **Etnotopônimos:** topônimos que fazem relação aos elementos étnicos (povos, tribos, castas).
- i) **Dirrematopônimos:** topônimos formados por frases, orações.
- j) **Hierotopônimos:** topônimos que fazem relação as nomes sagrados das diferentes crenças diversas, locais religiosos etc. Podem ser: Hagiotopônimos: topônimos que fazem relação os nomes de santos ou santas do hagiológico católico romano; Mitotopônimos: topônimos que fazem relação entidades mitológicas.
- k) **Historiotopônimos:** topônimos que fazem relação à personalidades, datas ou fatos históricos.
- l) **Hodotopônimos:** topônimos que fazem relação às vias de interligação urbana ou rural.
- m) **Numerotopônimos:** topônimos que fazem relação aos numerais.
- n) **Poliotopônimos:** topônimos que formam com vocábulos como: vila, aldeia, cidade, povoação, arraial.
- o) **Sociotopônimos:** topônimos que fazem relação às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade.
- p) **Somatopônimos:** topônimos que fazem relação, metaforicamente, às partes do corpo.

Além das taxionomias propostas por Dick, outros pesquisadores apresentaram novas taxes, como Francisquini (1998):

- q) **Acronimotopônimo**: topônimos que fazem relação às siglas e abreviações.
- r) **Necrotopônimos**: topônimos que fazem relação aos mortos ou características fúnebres.
- s) **Igneotopônimo**: topônimos que fazem relação ao fogo.
- t) **Grafematopônimo**: topônimos que fazem relação às letras do alfabeto.

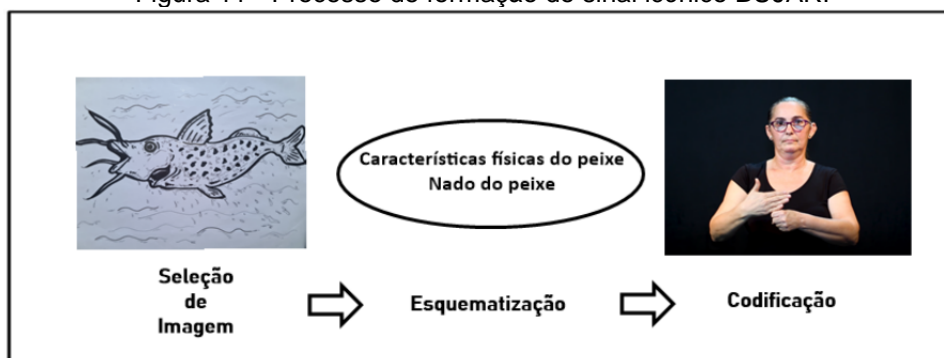
Em nosso estudo, os topônimos serão classificados considerando as três situações orientadas por Sousa (2019b), descritas anteriormente na fundamentação teórica (cf página 17).

3.5 A análise quanto à iconicidade

Quadros (2019) explica que a iconicidade é uma característica das línguas sinalizadas e que a correspondência entre forma (sinal) e referente se dá, sobretudo, devido à modalidade visual-espacial das línguas de sinais: na produção dos sinais, é possível visualizar, formas, movimentos etc. Esses aspectos foram anteriormente tratados por pesquisadores como Taub (2001) e Perniss (2007).

No presente estudo, como dissermos anteriormente, utilizaremos a proposta de Taub (2001) para a verificação da correspondência entre sinal toponímico e referente, tal como fez Sousa (2021) com relação aos sinais dos municípios acreanos. A seguir, apresentamos um exemplo ilustrado por Sousa (2021):

Figura 11 - Processo de formação do sinal icônico BUJARÍ



Fonte: Sousa (2021).

Como se vê, para a produção do sinal BUJARI, houve a seleção da imagem (peixe característico da região), e esquematização a partir das características do peixe (o formato do peixe e o movimento do nado) e, por fim, a própria criação do sinal.

Descritas cada uma das etapas de análise dos topônimos em Libras que procederemos na presente pesquisa, passaremos, a seguir, com a análise dos parques, praças e espaços de lazer em Rio Branco.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentaremos a análise dos topônimos coletados, nesta ordem: PARQUE DO TUCUMÃ, PARQUE DA MATERNIDADE, PARQUE AMBIENTAL CHICO MENDES, PARQUE CAPITÃO CIRÍACO, PRAÇA POVOS DA FLORESTA, PRAÇA DA REVOLUÇÃO, CALÇADÃO DA GAMELEIRA, LAGO DO AMOR, CONCHA ACÚSTICA, USINA DE ARTE JOÃO DONATO, HORTO FLORESTAL, ARENA ACREANA. A análise está organizada em três blocos: análise fonomorfológica; análise semântico-motivacional; análise icônica. Como dito anteriormente, a análise desenvolvida segue a proposta de Sousa (2019b).

4.1 Análise Fonomorfológica

Nesta primeira etapa de análise serão consideradas a estrutura fonético-fonológica dos sinais selecionados para o estudo e, concomitantemente, a formação morfológica dos respectivos sinais. Optamos por descrever cada sinal individualmente, apresentando a estrutura fonético-fonológica em *SignWriting*.

Após a descrição fonético-fonológica de cada sinal, apresentaremos a classificação morfológica, com base em Sousa (2019b), quanto à formação dos sinais toponímicos em Libras.

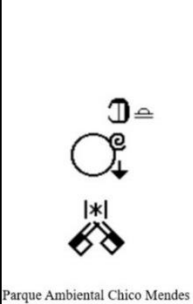












4.1.1 Descrição Fonético-fonológica

Segundo Quadros (2019, p. 41-42), cabe à fonética a descrição das “unidades de produção e percepção de articuladores manuais e não-manuais” na expressão física. Já a fonologia dá conta da “representação mental dessas formas”, observando suas propriedades distintivas. No caso das línguas de sinais, as unidades mínimas de formação dos sinais são os parâmetros: Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (P.A.), Movimento (M), orientação da Palma da Mão (O) e Expressões Não-Manuais (ENM) (ou expressão facial/corporal).

4.1.1.1 Sinal PARQUE CHICO MENDES

O sinal CHICO MENDES possui estrutura fonético-fonológica como descrita na figura a seguir:

Figura 12 – Sinal PARQUE CHICO MENDES em escrita de sinais

	Configuração de mãos	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de palma	Expressão Facial/corporal
 <p>Parque Ambiental Chico Mendes</p>				 Mão direita com a palma da mão para a esquerda.	 Não há.
		 Contato entre os dedos em ambas as mãos.		 Mão esquerda com a palma na diagonal para o lado direito, baixo.	
	 Grafema que indica que a mão começa a frente da face.		 Mão direita com a palma na diagonal para o lado esquerdo, baixo.		

Fonte: Elaborado pelo autor

O sinal PARQUE CHICO MENDES é produzido em dois momentos: inicialmente, com a Configuração de Mão nº 46¹ (em “C”), com apenas uma mão, em ponto de articulação na lateral da cabeça, a mão ativa faz um movimento semicircular iniciado na lateral da testa e terminando atrás da orelha. No segundo momento, com as duas mãos em Configuração de Mão nº 10, em espaço neutro, com os dedos entrecruzados.












Em relação à orientação, a mão passiva encontra-se com a palma na diagonal para o lado direito e a mão ativa com a palma na diagonal para o lado esquerdo. O sinal não apresenta Expressão Não-Manual.

4.1.1.2 Sinal PARQUE DA MATERNIDADE

O sinal PARQUE DA MATERNIDADE possui estrutura fonético-fonológica como descrita na figura a seguir:

¹ As numerações indicativas das Configurações de Mão seguem o quadro de Barreto e Barreto (2015), em anexo.

Figura 13 – Sinal PARQUE DA MATERNIDADE em escrita de sinais

	Configuração de mãos	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de palma	Expressão Facial/corporal
 Parque da Maternidade				 Mão esquerda com a palma da mão para baixo.	Não há.
		 Dorso da mão.		 Mão direita com a palma da mão para baixo.	
				 Mão direita na diagonal para frente com a palma da mão para baixo.	

Fonte: Elaborado pelo autor

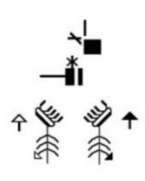















O sinal PARQUE DA MATERNIDADE é produzido em dois momentos: inicialmente, com a Configuração de Mão, da mão passiva, em nº 108b, seguida da configuração da mão ativa, em nº 28, tocando no dorso da mão passiva.

No segundo momento, com a mão ativa em nº 35, em ponto de articulação no dorso da mão passiva, no espaço neutro, com movimento para os lados na diagonal em direção à frente, a mão passiva com a palma da mão para baixo, seguida de mão ativa com a palma da mão para baixo e posteriormente a mão ativa na diagonal para frente e palma da mão para baixo. O sinal não apresenta Expressão Não-Manual.

4.1.1.3 Sinal PARQUE CAPITÃO CIRÍACO

O sinal PARQUE CAPITÃO CIRÍACO possui estrutura fonético-fonológica como descrita na figura a seguir:

Figura 14 – Sinal PARQUE CAPITÃO CIRÍACO em escrita de sinais

	Configuração de mãos	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de palma	Expressão Facial/corporal
 Parque Capitão Ciríaco.				 Mão esquerda com a palma da mão para baixo.	 Antebraço esquerdo (parte do corpo).
		 Dorso da mão.		 Mão direita com a palma da mão para baixo.	
				 Mão esquerda com a palma da mão para direita na diagonal para cima, frente.	 Antebraço direito (parte do corpo).
				 Mão direita com a palma da mão para esquerda na diagonal para cima, frente.	

Fonte: Elaborado pelo autor

O sinal PARQUE CAPITÃO CIRÍACO é produzido em dois momentos: inicialmente, com a Configuração de Mão, da mão passiva, em nº 128b e mão ativa em nº 28, com ponto de articulação no dorso da mão passiva.

Em relação à orientação de mão, no primeiro momento, a mão passiva encontra-se com a palma da mão para baixo e mão ativa com a palma da mão para baixo.

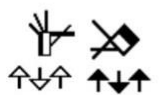






No segundo momento, as mãos encontram-se em configuração nº 38, no espaço neutro, com movimento de giro com os antebraços paralelos à parede frontal, fazendo referência ao arvoredo.

Em relação à orientação, a mão passiva encontra-se com a palma da mão para a direita na diagonal para cima e frente; a mão ativa encontra-se com a palma da mão para a esquerda na diagonal para cima e frente. A Expressão Não-Manual é apresentada no movimento dos antebraços.

4.1.1.4 Sinal PARQUE DO TUCUMÃ

O sinal PARQUE DO TUCUMÃ possui estrutura fonético-fonológica como descrita na figura a seguir:

Figura 15 – Sinal PARQUE DO TUCUMÃ em escrita de sinais

	Configuração de mãos	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de palma	Expressão Facial/corporal
 <p>Parque do Tucumã.</p>		Neutro.		 <p>Mão esquerda com a palma da mão para o lado direito.</p>	Não há.
				 <p>Mão direita com a palma da mão na diagonal esquerda para baixo.</p>	

Fonte: Elaborado pelo autor

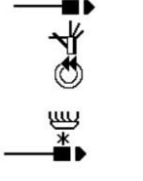








O sinal PARQUE DO TUCUMÃ é produzido com as configurações de mãos da mão passiva em nº 28 e mão ativa em nº 80. O ponto de articulação ocorre no espaço neutro com movimentos de frente para trás fazendo referências às letras iniciais do nome do espaço geográfico na Língua portuguesa.

Em relação à orientação, vemos que a mão passiva encontra-se com a palma da mão para o lado direito, e a mão ativa com a palma da mão na diagonal esquerda para baixo. O sinal não apresenta Expressão Não-Manual.

4.1.1.5 Sinal PRAÇA POVOS DA FLORESTA

O sinal PRAÇA POVOS DA FLORESTA possui estrutura fonético-fonológica como descrita na figura a seguir:

Figura 16 – Sinal PRAÇA POVOS DA FLORESTA em escrita de sinais

	Configuração de mãos	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de palma	Expressão Facial/corporal
 <p>Praça Povos da Floresta</p>		Espaço neutro e;		 Mão esquerda com a palma da mão para baixo.	Não há.
			*	 Mão direita com a palma da mão para o lado esquerdo.	
				 Mão direita com a palma da mão para cima.	

Fonte: Elaborado pelo autor













O sinal PRAÇA POVOS DA FLORESTA é produzido em dois momentos: inicialmente, com as configurações de mãos da mão passiva em nº 40 e mão ativa em nº 88, com o ponto de articulação iniciando no espaço neutro com movimento circular abaixo da palma da mão passiva. Com relação à orientação de mão, a mão passiva encontra-se com a palma da mão para baixo, e a mão ativa com a palma da mão para o lado esquerdo.

No segundo momento, a mão ativa em nº 38 com toque no dorso da mão passiva. Em relação à orientação, a mão ativa com a palma da mão para cima. O sinal não apresenta Expressão Não-Manual.

4.1.1.6 Sinal PRAÇA DA REVOLUÇÃO

O sinal PRAÇA DA REVOLUÇÃO possui estrutura fonético-fonológica como descrita na figura a seguir:

Figura 17 – Sinal PRAÇA DA REVOLUÇÃO em escrita de sinais

	Configuração de mãos	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de palma	Expressão Facial/corporal
 <p>Praça da Revolução</p>		Espaço neutro e;		 Mão esquerda com a palma da mão para baixo.	 Ombro (parte do corpo).
					
			 Mão esquerda com a palma da mão para trás.		
			 Mão direita com a palma da mão para trás.		 Cintura.

Fonte: Elaborado pelo autor

O sinal PRAÇA DA REVOLUÇÃO é produzido em dois momentos: inicialmente, com as configurações de mãos da mão passiva em n° 40 e mão ativa em n° 12, com movimento circular da mão ativa abaixo da mão passiva no espaço neutro.

Quanto à orientação de mão, a mão passiva com a palma da mão para baixo, mão ativa com a palma da mão para o lado esquerdo














No segundo momento, as mãos em n° 111, com ponto de articulação na cintura, seguido de movimento semicircular elevando a mão ativa, em n° 108b, até o alto no espaço neutro.

Quanto à orientação, a mão passiva encontra-se com a palma da mão para trás e mão ativa com a palma da mão para trás. O sinal apresenta Expressão Não-Manual no movimento dos ombros.

4.1.1.7 Sinal CALÇADÃO DA GAMELEIRA

O sinal CALÇADÃO DA GAMELEIRA possui estrutura fonético-fonológica como descrita na figura a seguir:

Figura 18 – Sinal CALÇADÃO DA GAMELEIRA em escrita de sinais

	Configuração de mãos	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de palma	Expressão Facial/corporal
 <p>Calçadão da Gameleira</p>				 Mão esquerda com a palma da mão para baixo.	 Antebraço esquerdo (parte do corpo).
		 Dorso da mão.		 Mão direita com a palma da mão para a esquerda.	 Antebraço direito (parte do corpo).
				 Mão direita com a palma da mão para trás.	

Fonte: Elaborado pelo autor









O sinal CALÇADÃO DA GAMELEIRA é produzido em dois momentos: inicialmente, com as configurações de mãos de ambas as mãos em nº 40, com a mão passiva com palma da mão para baixo e mão ativa com cotovelo apoiado no dorso da mão passiva seguido de movimentos paralelos para os lados. Quanto à orientação, vemos a palma da mão passiva para baixo, e a mão a ativa com a palma da mão a esquerda

No segundo momento, a mão passiva, em configuração nº 40 com palma da mão para baixo seguido da mão ativa em nº 35, com ponto de articulação no dorso da mão, com movimento da mão ativa na diagonal para baixo em direção ao horizonte. Em relação à orientação, a mão ativa encontra-se com a palma da mão para trás. O sinal apresenta Expressão Não-Manual no movimento dos antebraços.

4.1.1.8 Sinal LAGO DO AMOR

O sinal LAGO DO AMOR possui estrutura fonético-fonológica como descrita na figura a seguir:

Figura 19 – Sinal LAGO DO AMOR em escrita de sinais

	Configuração de mãos	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de palma	Expressão Facial/corporal
 <p>Lago do amor.</p>	 	 No polegar da mão esquerda.	 	 Mão esquerda com a palma da mão na diagonal para a direita, baixo.  Mão direita com a palma da mão para baixo.	Não há.

Fonte: Elaborado pelo autor






O sinal LAGO DO AMOR é produzido em um único momento, com as configurações de mãos da mão passiva em nº 49 e mão ativa em nº 13, com ponto de articulação no polegar da mão passiva seguido de movimento ondular da mão ativa, da esquerda para a direita.

Em relação à orientação, a palma da mão passiva encontra-se na diagonal para a direita inclinada para baixo, e a mão ativa com a palma da mão para baixo. O sinal não apresenta Expressão Não-Manual.

4.1.1.9 Sinal CONCHA ACÚSTICA

O sinal CONCHA ACÚSTICA possui estrutura fonético-fonológica como descrita na figura a seguir:

Figura 20 – Sinal CONCHA ACÚSTICA em escrita de sinais

	Configuração de mãos	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de palma	Expressão Facial/corporal
 <p>Concha acústica.</p>	  	 Contato entre as laterais da mão direita com a mão esquerda.	    	 Mão direita com a palma da mão para a frente.  Mão esquerda com a palma para frente.  Mão direita com a palma na diagonal para trás, cima.  Mão esquerda com a palma na diagonal para trás, cima.	Não há.

Fonte: Elaborado pelo autor










O sinal CONCHA ACÚSTICA é produzido em dois momentos: inicialmente, com as configurações de mão de ambas as mãos em nº 46, com ponto de articulação no contato entre as laterais da mão ativa com a mão passiva. Quanto à orientação, vemos que a palma das mãos encontram-se para a frente.

No segundo momento, as mãos estão em configuração nº 35, com movimento diagonal para cima em direção ao horizonte no espaço neutro. Quanto à orientação, as mãos encontram-se estendidas na diagonal para trás. O sinal não apresenta Expressão Não-Manual.

4.1.1.10 Sinal USINA DE ARTE JOÃO DONATO

O sinal USINA DE ARTE JOÃO DONATO possui estrutura fonético-fonológica como descrita na figura a seguir:

Figura 21 – Sinal USINA DE ARTE JOÃO DONATO em escrita de sinais

	Configuração de mãos	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de palma	Expressão Facial/corporal
 <p>Sinal Usina de Artes João Donato</p>		Base carpiano palmar.	*	 Mão direita com a palma da mão na diagonal para trás.	Não há.
				 Mão esquerda com a palma da mão na diagonal para frente.	
				 Mão esquerda com a palma da mão na diagonal para trás.	
				 Mão direita com a palma da mão na diagonal para frente.	

Fonte: Elaborado pelo autor











O sinal USINA DE ARTE JOÃO DONATO é produzido em um único momento: iniciando com a configuração de mão das mãos em nº 12, com ponto de articulação na base carpiano palmar, seguido de ambas as mãos em nº 108b, com movimento curvo das mãos juntas passando da configuração nº 12 para a nº 108b.

Com relação à orientação, inicia com a palma da mão ativa na diagonal para frente, e a mão passiva na diagonal para trás. O sinal finaliza com a mão passiva na diagonal para trás e mão ativa com a palma da mão na diagonal para frente. O sinal não apresenta Expressão Não-Manual.

4.1.1.11 Sinal HORTO FLORESTAL

O sinal HORTO FLORESTAL possui estrutura fonético-fonológica como descrita na figura a seguir:

Figura 22 – Sinal HORTO FLORESTAL em escrita de sinais

	Configuração de mãos	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de palma	Expressão Facial/corporal
 <p>Sinal de Horto Florestal</p>		Neutro		 Mão direita com a palma da mão para o lado esquerdo.	 Antebraço esquerdo parado (parte do corpo).
		 Este grafema indica que a configuração da mão direita está longe do corpo e um pouco a frente da mão esquerda.		 Mão esquerda com a palma da mão para cima.	 Antebraço direito na diagonal para o lado esquerdo, frente (parte do corpo).

Fonte: Elaborado pelo autor











O sinal HORTO FLORESTAL é produzido em um único momento, a partir das configurações de mãos da mão passiva em n° 38 e mão ativa em n° 28, com ponto de articulação no espaço neutro, com mão passiva e antebraço na vertical, seguido do movimento de giro de dentro para fora, repetidamente, da mão ativa nas respectivas configurações.

Quanto à orientação da palma da mão, a mão ativa encontra-se com a palma para o lado esquerdo e a mão passiva com a palma para cima. O sinal apresenta Expressão Não-Manual no antebraço esquerdo parado e antebraço direito na diagonal para o lado esquerdo em movimento de giro.

4.1.1.12 Sinal ARENA ACREANA

O sinal ARENA ACREANA possui estrutura fonético-fonológica como descrita na figura a seguir:

Figura 23 – Sinal ARENA ACREANA em escrita de sinais

	Configuração de mãos	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de palma	Expressão Facial/corporal
 <p>Arena Acreana.</p>	  	 No antebraço.	 	 Mão esquerda com a palma da mão para baixo.  Mão direita com a palma da mão para frente.  Mão direita com a palma da mão para frente.	Não há.

Fonte: Elaborado pelo autor

O sinal ARENA ACREANA é produzido em um único momento: a configuração da mão passiva em nº 108a, e da mão direita ativa em nº40, com ponto de articulação no antebraço esquerdo, realizando movimento linear da esquerda para a direita e finalizando com movimento curvo para cima da mão ativa na configuração nº 111.

Com relação à orientação, a palma da mão passiva encontra-se para baixo, e a mão ativa com a palma da mão para frente. O sinal finaliza com a mão ativa com a palma da mão para frente. O sinal não apresenta Expressão Não-Manual.

4.1.2 Classificação morfológica

Em continuidade ao que foi proposto, realizaremos a análise morfológica dos topônimos de acordo com a proposta de Sousa (2019b) apresentando os tipos de formação: formação simples, formação simples híbrida, formação composta e formação composta híbrida. Dividiremos a classificação por tipo de formação morfológica.

4.1.2.1 Formação Simples

De acordo com Sousa (2019b), a formação simples ocorre quando possui um único formante em língua de sinais (língua nativa):

Nos dados coletados, apenas o sinal LAGO DO AMOR apresenta Formação Simples, estruturado por um sinal (formante) na língua nativa (Libras).

4.1.2.2 Formação Simples Híbrida

Segundo Sousa (2019b), a formação simples híbrida ocorre quando o sinal toponímico possui um único formante em língua de sinais, contudo, é observada a incorporação de um traço articulatorio (na Configuração de Mão) influenciado pela língua oral, no nosso caso, a Língua Portuguesa. Nos dados coletados, quatro sinais apresentaram formação simples híbrida: PARQUE DO TUCUMÃ, USINA DE ARTE, HORTO FLORESTAL e ARENA DA FLORESTA.

O sinal PARQUE DO TUCUMÃ é estruturado por um sinal que apresenta, em sua formação, a configuração P e T (letras iniciais do topônimo na língua oral). O sinal USINA DE ARTE, por sua vez, é estruturado por um sinal (ou formante) que apresenta incorporado a configuração U e A (letras iniciais do topônimo na língua oral).

O sinal HORTO FLORESTAL, também de formação simples híbrida, é estruturado por um único sinal que apresenta, em sua formação, a configuração H (letra inicial do topônimo na língua oral)

Já o sinal ARENA ACREANA é estruturado por um único formante morfológico que apresenta, em sua formação, a configuração A (letra inicial do topônimo na língua portuguesa).

4.1.2.3 Formação Composta

A formação composta ocorre, segundo Sousa (2019b), quando o sinal toponímico possui mais de um formante e todos eles são da mesma língua de sinais (língua nativa). Nos dados coletados, apenas dois sinais apresentaram formação composta: PRAÇA DA REVOLUÇÃO E CALÇADÃO DA GAMELEIRA.

O sinal PRAÇA DA REVOLUÇÃO é estruturado por dois sinais, ambos em língua nativa (Libras): sinal PRAÇA + sinal ESPADA. O sinal CALÇADÃO DA GAMELEIRA, POR SUA VEZ, é estruturado por dois sinais, ambos em Libras (língua nativa): sinal BANDEIRA + sinal BARRANCO.

4.1.2.4 Formação Composta Híbrida

A formação composta híbrida, como explica Sousa (2019b), ocorre quando o sinal em Libras possui mais de um formante, e é observada influência da língua oral (Letras em Língua Portuguesa, por exemplo) na formação articulatória do sinal toponímico. Nos dados coletados, cinco sinais apresentaram formação composta híbrida: PARQUE CHICO MENDES, PARQUE DA MATERNIDADE, PARQUE CAPITÃO CIRÍACO, PRAÇA POVOS DA FLORESTA E CONCHA ACÚSTICA.

O sinal PARQUE CHICO MENDES é estruturado por dois sinais: um com a configuração em C (letra inicial do topônimo na língua oral) seguido de outro na língua nativa (sinal PASSARELA). O sinal PARQUE DA MATERNIDADE, por sua vez, é estruturado por dois sinais: um com a configuração em P (letra inicial do topônimo na língua oral) seguido de outro na língua nativa (sinal ESCADARIA).

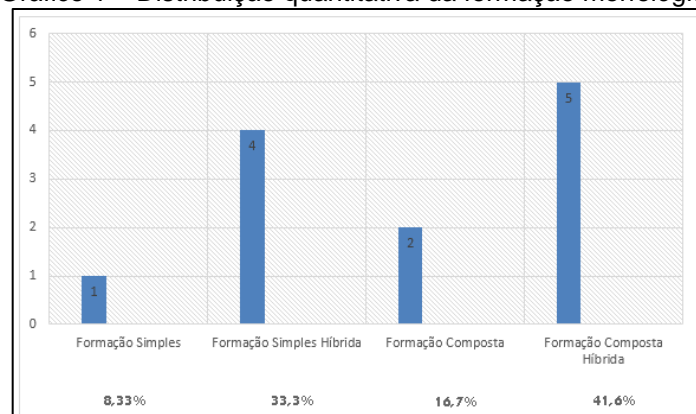
O sinal PARQUE CAPITÃO CIRÍACO é estruturado por dois sinais: um com a configuração em P (letra inicial do topônimo na língua oral) seguido de outro na língua nativa (sinal ÁRVORES).

O sinal PRAÇA POVOS DAS FLORESTAS é estruturado por dois sinais: um com configuração em F (letra inicial do topônimo na língua oral) seguido de outro na língua nativa (sinal QUIOSQUE).

O Sinal CONCHA ACÚSTICA é estruturado por dois sinais: Um com a configuração em C (letra inicial do topônimo na língua oral) seguido de outro na língua nativa (sinal ARQUIBANCADA).

A distribuição quantitativa dos tipos de formação morfológica dos dados coletados no presente estudo pode ser visualizada no gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Distribuição quantitativa da formação morfológica



Fonte: elaborado pelo autor.

Como se pode observar, o tipo de formação morfológica mais produtiva nos dados analisados foi a formação composta híbrida (com 41,6%), seguida da formação simples híbrida (com 33,3%). Isso revela a influência que a língua oral apresenta na formação dos sinais selecionados. Se somarmos os dois quantitativos, teremos 74,9 % dos sinais toponímicos que possuem em sua formação alguma influência da língua oral. Provavelmente, o fato das línguas (Libras e Língua Portuguesa) coexistirem socialmente favoreçam esse tipo de influência. Necessitaríamos de mais dados e de um estudo mais aprofundado para chegarmos a conclusões mais definitivas.

4.2 Análise semântico-motivacional

A análise semântico motivacional, como dissemos, toma por base as categorias taxionômicas de Dick (1990, 1992), somadas às observações propostas por Sousa (2019b) quanto às especificidades classificatórias para as línguas de sinais.

Os dados analisados mostraram, em alguns casos, dupla motivação para a criação dos sinais. E outras vezes, a influência ficou opaca – ou seja, não foi possível descobrir o motivador que influenciou o nomeador no ato do batismo do espaço geográfico analisado. As classificações podem ser visualizadas no quadro a seguir:

Quadro 2 – Classificações taxionômicas

SINAL	TAXIONOMIA
PRAÇAS	
CALÇADÃO DA GAMELEIRA	Ergotopônimo (bandeira e escada)
LAGO DO AMOR	Ergotopônimo (escultura em forma de coração) + hidrotopônimo (lago)
PRAÇA DA REVOLUÇÃO	Ergotopônimo (estátua de Plácido de Castro)
PRAÇA POVOS DA FLORESTA	Ergotopônimo (quiosque)
PARQUES	
PARQUE CHICO MENDES	Antropotopônimo (Sinal-nome CHICO MENDES) + Hodotopônimo (passarela)
PARQUE CAPITÃO CIRÍACO	Fitotopônimos (árvores)
PARQUE DA MATERNIDADE	Ergotopônimo (escadaria)
PARQUE DO TUCUMÃ	Acronimotopônimo (Letras)
ESPAÇOS DE LAZER	
ARENA ACREANA	Ergotopônimo (Arena)
CONCHA ACÚSTICA	Morfotopônimo (Forma geométrica da Concha)
HORTO FLORESTAL	Fitotopônimos (árvores)
USINA DE ARTES JOÃO DONATO	Acronimotopônimo (Letras)

Fonte: elaborado pelo autor.

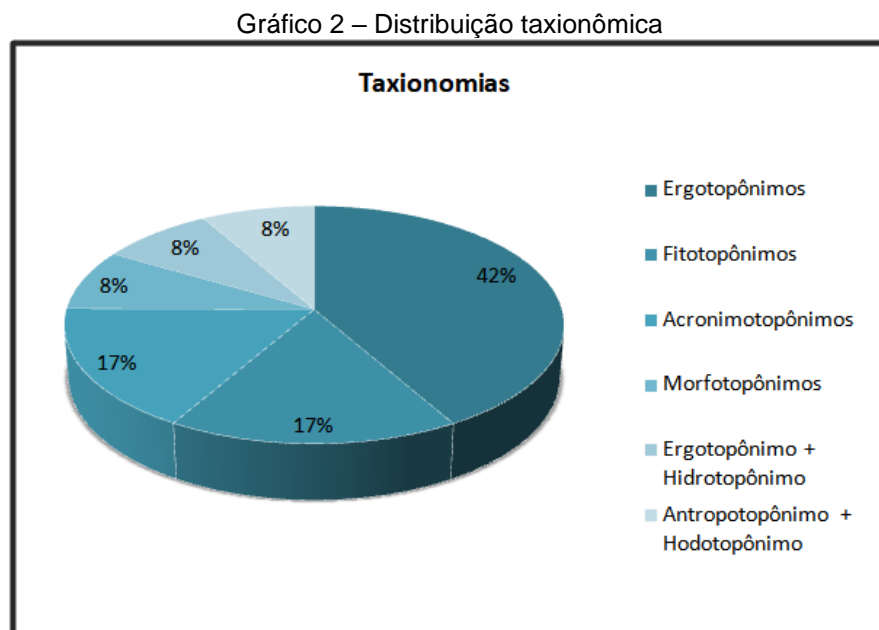
Como vemos, em dois casos de classificação, há dois referentes motivadores para a escolha dos sinais: LAGO DO AMOR, em que a escultura do coração e o

próprio lago são utilizados como referentes para a formação do sinal toponímico. Nesse caso, podemos pensar na taxionomia Ergotopônimo para o coração, que é uma escultura material produzida pelo homem, e Hidrotopônimo por fazer referência ao lago – um elemento hidrográfico.

O outro caso ocorreu com PARQUE CHICO MENDES, formado, no primeiro momento pelo sinal-nome CHICO MENDES, fazendo referência ao sindicalista que dá nome ao parque. Trata-se de um Antropotopônimo. No segundo momento, o sinal faz referência à passarela (espécie de ponte) de acesso ao parque. Temos, então, um Hodotopônimo.

Os demais sinais tiveram classificação simples: 5 ergotopônimos, 2 fitotopônimos, 2 acronimotopônimos, 1 morfotopônimo e 2 sinais com classificação dupla – 1 ergotopônimo + hidrotopônimo; 1 antropotopônimo + hodotopônimo.

Esses quantitativos podem ser visualizados no gráfico a seguir:



Fonte: Elaborado pelo autor.

Como se pode observar, o maior quantitativo de taxionomias foi relacionado ao ergotopônimo. Isso, possivelmente se deu devido aos elementos da cultura material, produzida pelo homem, ser mais destacado visualmente pelo sujeito nomeador. Os elementos culturais materiais, como estátuas, escadarias, quiosques etc., fazem parte da paisagem dos espaços urbanos e acabam por favorecer sua utilização como referente motivacional no ato de nomear os espaços.

Em seguida, tivemos as taxes Fitotopônimos e acronimotopônimos em mesma quantidade. As árvores que compõem os espaços dos parques (Capitão Ciríaco e Horto Florestal) são elementos significativos pela própria natureza dos espaços, o que pode ter favorecido suas escolhas como elementos referenciais.

O mesmo pode ser observado com relação aos acronimotopônimos, ou seja, a utilização das letras iniciais dos espaços em língua portuguesa. Provavelmente, as placas de identificação dos espaços tenham favorecido a escolha das letras iniciais na constituição do sinal toponímico.

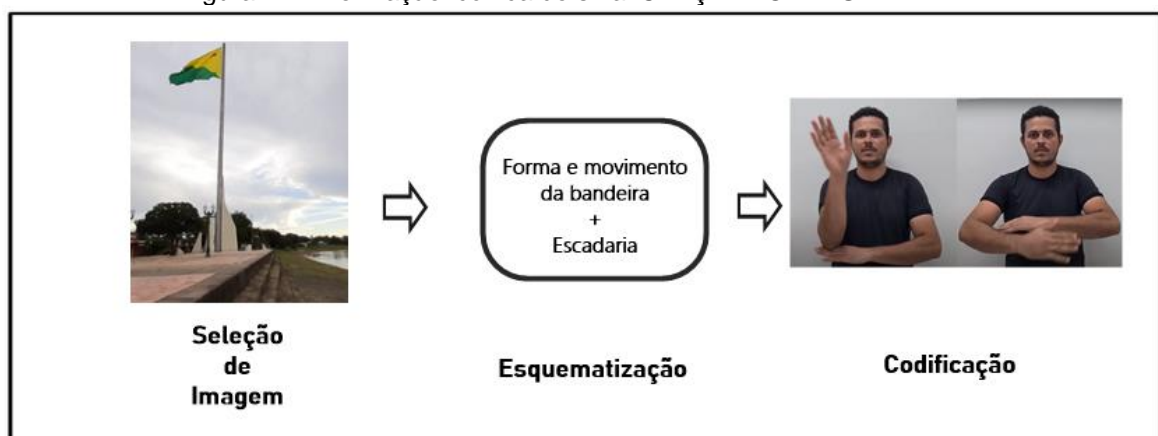
4.3 Análise icônica

Com relação à iconicidade, levamos em consideração a análise proposta, anteriormente, com relação aos aspectos motivacionais para a escolha dos sinais toponímicos selecionados para a presente pesquisa.

Podemos afirmar que, em sua totalidade, os sinais que nomeiam os 12 espaços urbanos (parques, praças e espaços de lazer de Rio Branco) que selecionamos para este estudo são icônicos. A título de exemplos, selecionamos 4 sinais e aplicamos a proposta de Taub (2001) para verificar o processo de produção dos topônimos: CALÇADÃO DA GAMELEIRA, CONCHA ACÚSTICA, PARQUE CAPITÃO CIRÍACO e PRAÇA DA REVOLUÇÃO.

Vejamos o primeiro exemplo, ilustrado a seguir:

Figura 24 – Formação icônica do sinal CALÇADÃO DA GAMELEIRA

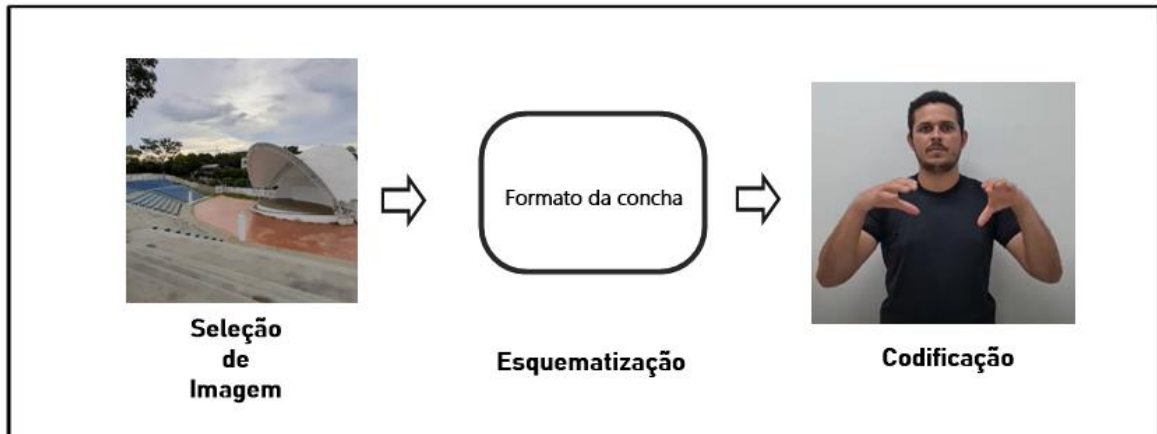


Fonte: Elaborado pelo autor

Veja que, na produção do sinal, dois referentes foram utilizados: inicialmente, a imagem selecionada foi a bandeira. Dessa imagem, dois traços foram destacados – a bandeira e seu movimento, a escadaria que fica nas margens do Rio Acre. Assim, o sinal faz referência direta com a imagem prototípica que é utilizada na codificação do sinal CALÇADÃO DA GAMELEIRA.

Em seguida, vemos o segundo exemplo, ilustrado a seguir:

Figura 25 – Formação icônica do sinal CONCHA ACÚSTICA

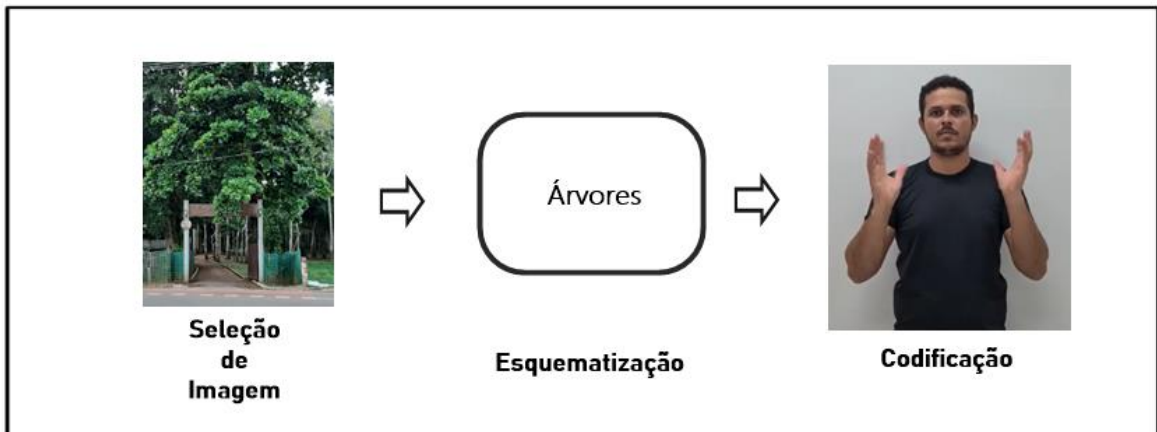


Fonte: Elaborado pelo autor.

O sinal CONCHA ACÚSTICA utiliza como referente, o formato semicircular da construção do referido espaço de lazer. Trata-se de um formato circular, cujas mãos do sinalizador remete à forma côncava do palco de apresentações, utilizado na codificação do sinal.

O terceiro exemplo, PARQUE CAPITÃO CIRÍACO, é ilustrado na figura a seguir.

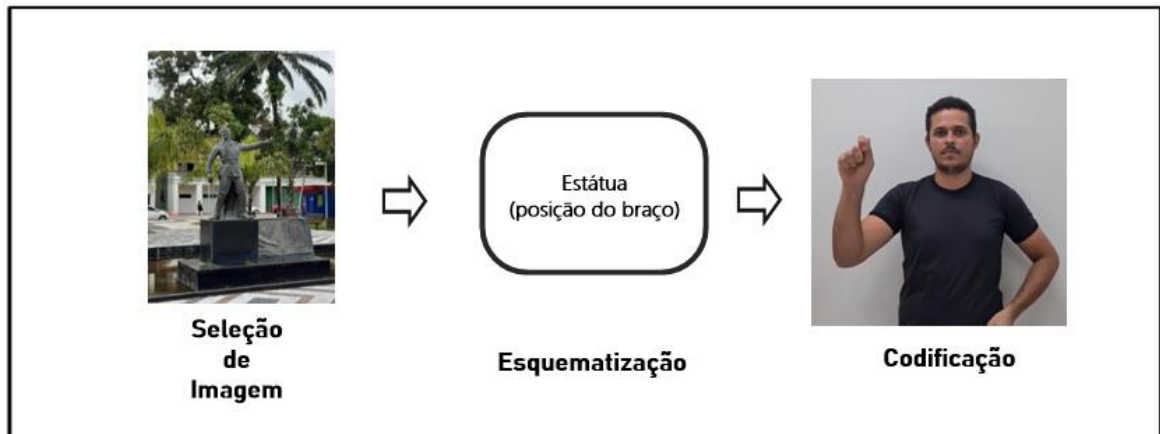
Figura 26 – Formação icônica do sinal PARQUE CAPITÃO CIRÍACO



Fonte: Elaborado pelo autor.

Para a formação icônica do sinal toponímico PARQUE CAPITÃO CIRÍACO, a imagem usada como referente considerou as árvores localizadas na entrada e ao longo de todo o espaço. Veja que, a imagem da árvore considerou toda a sua forma: tronco e copa, no momento da codificação do sinal.

Figura 27 – Formação icônica do sinal PRAÇA DA REVOLUÇÃO



Fonte: Elaborado pelo autor.

Na formação do sinal PRAÇA DA REVOLUÇÃO a estátua de Plácido de Castro foi utilizada como imagem referente. Na esquematização, os traços utilizados foram o formato da construção, especialmente, o braço estendido com a espada ao alto. Esses traços foram verificados na codificação do sinal.

Aqui, apresentamos apenas alguns exemplos para ilustrar a iconicidade dos sinais selecionados para este estudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal realizar um estudo toponímico, analisando os sinais em Libras que nomeiam parques, praças e outros espaços públicos de Rio Branco, Acre, seguindo a proposta de Sousa (2019b). Considerando que através dos estudos toponímicos é possível identificar fatores culturais e linguísticos envolvidos no ato de nomeação dos espaços, temos como objetivos específicos a Identificação e catalogação dos sinais em Libras dos parques, praças e espaços de lazer em Rio Branco; Análise, fonológica e morfológica dos sinais selecionados; Descrição dos fatores motivacionais de cada sinal em Libras que nomeia os espaços; Classificação dos sinais toponímicos selecionados quanto aos aspectos motivacionais; Quantificação dos sinais toponímicos coletados, de acordo com as categorias taxionômicas motivacionais.

Os sinais, para a análise, foram coletados em dois momentos: inicialmente realizamos a coleta destes dados por meio do mapa urbano de Rio Branco (Ac) que possibilitou a localização geográfica dos referidos espaços urbanos. No segundo momento, em posse da localização dos espaços, realizamos a coleta dos sinais de cada topônimo, por meio de consultas aos materiais didáticos fornecidos pelo Centro de Apoio ao Surdo (CAS/AC), nos quais os sinais eram apresentados por meio de imagens. Em seguida, de posse dos dados, realizamos o preenchimento da ficha toponímica em Libras, preenchendo com os seguintes dados: localização, acidente geográfico, topônimo em libras. Classificação taxionômica, sinalização, topônimo em signwriting, estrutura fonológica, classificação morfológica, referência icônica, pesquisador e orientador da pesquisa. Após a coleta dos dados realizamos a gravação dos sinais, em vídeos que foram postados no You tube, especificamente no canal privado utilizado para o armazenamento dos dados do projeto Toponímia em Libras.

Considerando a proposta do trabalho, realizamos análise quanto aos aspectos fonomorfológicos; análise semântico-motivacional e análise icônica. A análise fonomorfológica considerou a descrição das unidades de produção e percepção de articuladores manuais e não-manuais fonológicos, a descrição das unidades mínimas de formação dos sinais, que são os parâmetros: Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (P.A.), Movimento (M), orientação da Palma da Mão (O) e Expressões Não-Manuais (ENM) ou (expressão facial/corporal). Realizamos a classificação morfológica dos sinais em formação simples, formação simples híbrida, formação

composta e formação composta híbrida. Em continuidade a análise dos dados , foi realizado a análise semântico-motivacional dos sinais categorizando-os em taxionomias propostas Dick (1990, 1992), possibilitando a identificação dos fatores motivacionais da nomeação dos espaços estudados neste trabalho e por fim uma análise icônica considerando três etapas: a seleção de imagem, que representa o referente; a esquematização, representação da imagem apontando as características mais relevantes, possíveis de serem estruturadas e a codificação que é a etapa da materialização da forma linguística, ou seja, do sinal.

Os resultados da pesquisa mostram que ao realizarmos um estudo toponímico em Língua de Sinais é possível a identificação dos fatores motivacionais que os surdos consideraram no ato de nomear os espaços em questão. Considerando isto, percebemos que ao classificarmos morfologicamente os sinais, chegamos a uma determinada porcentagem para cada tipo de formação morfológica dos sinais, no qual a formação simples representa 8,33%, formação simples híbrida 33,3%, formação composta 16,7% e formação composta híbrida 41,6% para um total de doze sinais selecionados. Para além disso a pesquisa mostra que quando falamos de fatores motivacionais é possível classificar os fatores por meio das taxionomias propostas por Dick (1990, 1992).

A partir destas informações, realizamos um levantamento percentual das taxes mais recorrentes e percebemos que a taxionomia dos sinais do tipo Ergotopônimo (CALÇADÃO DA GAMELEIRA, PRAÇA DA REVOLUÇÃO, PRAÇA POVOS DA FLORESTA, PARQUE DA MATERNIDADE, ARENA ACREANA) representa 42%, os sinais de taxie Fitotopônimo (PARQUE CAPITÃO CIRÍACO, HORTO FLORESTAL) equivalem a 17%, sinais do tipo Acronimotopônimo (PARQUE DO TUCUMÃ, USINA DE ARTES JOÃO DONATO) representam 17%, sinais dos tipos Morfotopônimo (CONCHA ACÚSTICA) 8% e neste levantamento dois sinais apresentaram duas taxionomias em sua formação, o primeiro com junção das taxionomias Ergotopônimo com o Hidrotopônimo (LAGO DO AMOR) representando 8% e por fim um outro sinal com taxionomia dupla, Antropotopônimo com o Hodotopônimo (PARQUE CHICO MENDES) apresenta o mesmo percentual de 8%. Considerando estas informações os surdos na maioria dos batismos consideraram o motivo do tipo Ergotopônimo, ou seja consideraram como motivação principal os elementos da cultura material, aquilo que foi produzido pelo homem, como por exemplo a escadaria as margens do Rio Acre.

Conclui-se então que por meio dos estudos toponímicos tanto nas línguas orais quanto nas Línguas de Sinais é possível identificar os fatores motivacionais que o ser humano utiliza para nomear tudo aquilo que está a sua volta, exprimindo suas ideias, sentimentos e conceitos atribuindo significados a partir de suas experiências, crenças ou cultura.

Este estudo faz parte da pesquisa *Toponímia em Libras*, em operacionalização na UFAC, sob a coordenação do professor Dr. Alexandre Melo de Sousa. Aqui, analisamos apenas 12 sinais. Há muito, ainda, a se pesquisar, mas consideramos que os objetivos propostos foram atingidos e, as possíveis lacunas, serão preenchidas em trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. C. Descrição e análise dos sinais topônimos em Libras. In: ALBRES, N. A.; XAVIER, A. N. (org.). **Libras em estudo: descrição e análise**. São Paulo: FENEIS, 2012. p. 109-121.
- ALEMÃO, V. B. **Projeto ATAOb**: armazenamento e dados em Libras. Relatório Final Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Universidade Federal do Acre – UFAC. Rio Branco: UFAC, 2018.
- AMARAL, E. T. R.; SEIDE, M. S. **Nomes Próprios de Pessoa: Introdução à Antroponímia Brasileira**. São Paulo: Blucher, 2020.
- ARAÚJO, M. M. Linguagem, dicionário e comunicação: apresentação da ATD. **Revista Práticas de Linguagem**. v. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <https://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2014/01/302-%E2%80%93322-Linguagem-dicion%C3%A1rio-e-comunica%C3%A7%C3%A3o-apresenta%C3%A7%C3%A3o-da-ATD.pdf> Acesso em: 21 dez 2020.
- BARRETO, M; BARRETO, R. **Escrita de sinais sem mistério**. Salvador: Libras Escrita, 2015.
- BEZERRA, M. T. **Formação dos sinais toponímicos acreanos**. Relatório Final Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Universidade Federal do Acre – UFAC. Rio Branco: UFAC, 2016.
- BEZERRA, M. T. **Sinais toponímicos do Acre: a iconicidade no processo de formação**. Relatório Final Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Universidade Federal do Acre – UFAC. Rio Branco: UFAC, 2017.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do Léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 13-22.
- BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. In: Filologia e linguística portuguesa, n. 2, 1998, p. 81-118. Disponível em: http://dlcv.fflch.usp.br/files/Biderman1998_0.pdf Acesso em: 18 nov. 2020.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira**. São Paulo: Edusp, 2001.
- CARDOSO, A. L. **Toponímia brasílica**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora: 1961.
- CIDADE BRASIL. **Mapa urbano de Rio Branco**, 2021. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/mapa-rio-branco.html> Acesso em: 02 maio 2021.
- DICK, M. V. P. A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições do Arquivo do Estado, 1990.

DICK, M. V. P. A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. *Coletânea de Estudos*. 3. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

DRUMOND, C. **Contribuições do bororó à toponímia brasílica**. São Paulo: USP/IEB, 1965.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro.: Tempo Brasileiro, 1995.

ISQUERDO, A. N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 91-100.

PERNISS, P. **Space and iconicity in German Sign Language (DGS)**, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2066/30937> Acesso em: 5 maio 2020.

SAMPAIO, T. **O tupi na geografia nacional**. Salvador: Câmara municipal, 1901.

SEABRA, M. C. Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES, J. S.; TRAVAGLIA, L. C. (Org.). **Múltiplas perspectivas em linguística**: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL). Uberlândia: ILEEL, 2006. p. 1953-1960.

SOUSA, A. M. **Desbravando a Amazônia Ocidental Brasileira**: estudo toponímico dos acidentes humanos e físicos acreanos. 2007. 127 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Fortaleza, 2007.

SOUSA, A. M. Projeto Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira: gênese e trajetória. **Ícone – Revista de Letras**, São Luís de Montes Belos, v. 2, n. 1, p. 31-42, 2008. Available from: <https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/view/5126>. Acesso em 30 maio 2020.

SOUSA, A. M. Metodologia para a pesquisa toponímica em Língua Brasileira de Sinais. In: SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, T. C. (Orgs.). **Perspectivas para o ensino de línguas**. v. 2. Rio Branco: NEPAN Editora, 2018, p. 8-37.

SOUSA, A. M. **Língua, cultura e sociedade**: a toponímia acreana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019a.

SOUSA, A. M. **Toponímia em Libras**. Relatório (Pós-Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Florianópolis, 2019b.

SOUSA, A. M. **Toponímia em Libras**: reflexos da fauna, da flora e das águas nos sinais toponímicos acreanos. *Abralin em Cena - AEC15 | GT2: Teoria e análise linguística*. Porto Velho: UNIR/Abralin, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=225wGLRm7GM> Acesso em 02 maio 2021.

SOUSA, A. M.; DARGEL, A. P. T. Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces. **Revista GTLex**, v. 3, n. 1, p. 7-22, 20 abr. 2017. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/53813/28666> Acesso em 21 dez 2020.

SOUSA, A. M.; QUADROS, R. M. O Web Software Toponímia em Libras: pesquisa e ensino. In: SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, T. C. (orgs.). **Perspectivas para o ensino de línguas**. v. 3. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019a, p. 11-33.

SOUSA, A. M.; QUADROS, R. M. Proposta de ficha lexicográfico-toponímica digital para o estudo da toponímia em línguas de sinais. **Revista Guavira Letras**. V. 15, n. 30. 2019b, p. 126-140. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/854/618> Acesso em 22 mar 2020.

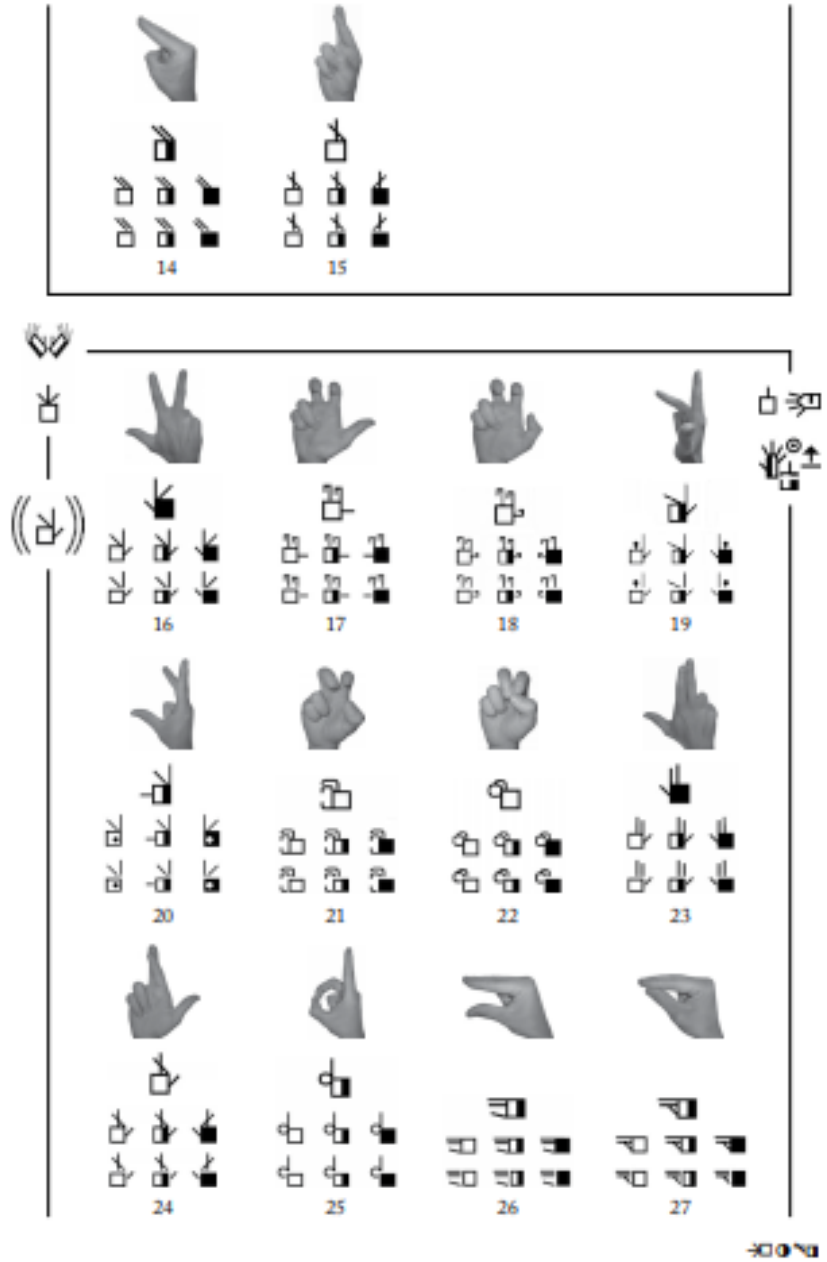
SOUSA, A. M.; QUADROS, R. M. Toponímia em Libras: aspectos formais e motivacionais dos sinais toponímicos dos municípios acreanos. In: CAVALHEIRO, J.; LUDWIG, C. R.; LANES, E. J. (orgs.). **Lingu(agem), ensino e formação docente**. Manaus: Editora UEA, 2019c, p. 61-74.

SOUZA-JUNIOR, E. G. **Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira: uma perspectiva de toponímia por sinais**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade de Brasília – UnB. Brasília, 2012.

TAUB, S. F. **Language from the body**: iconicity and metaphor in American Sign Language. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

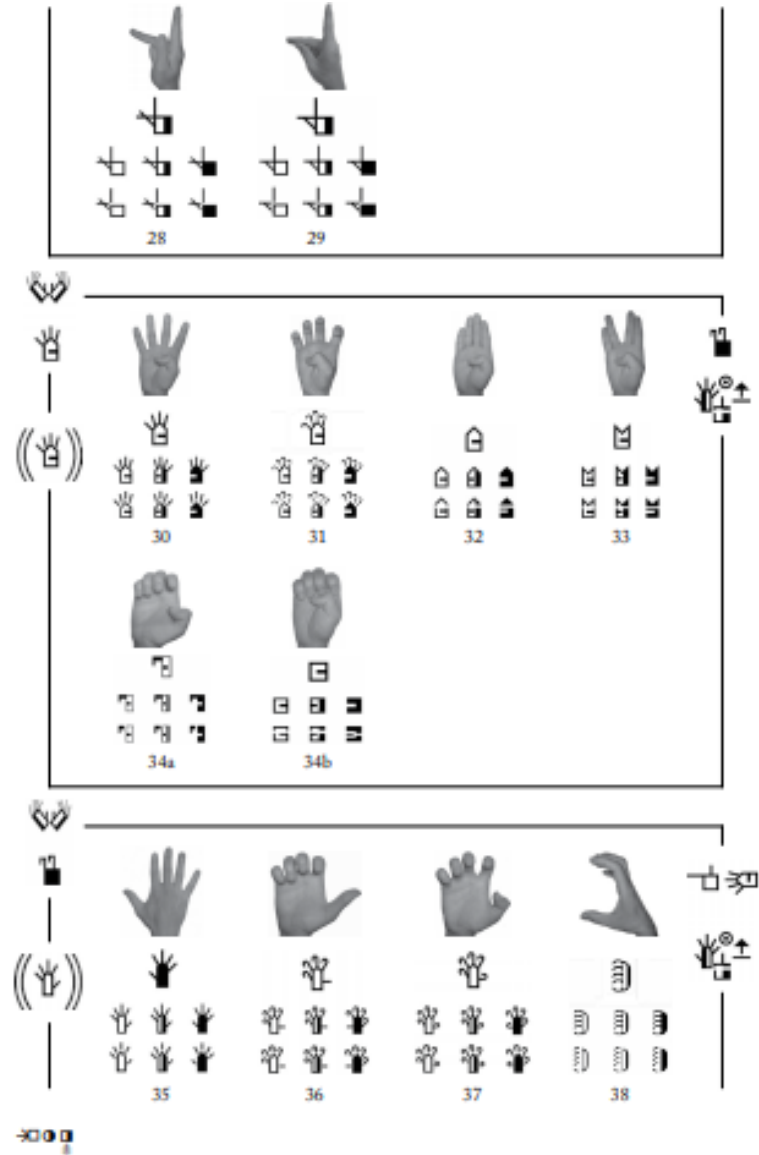
QUADRO DE CONFIGURAÇÕES DE MÃO, DE BARRETO E BARRETO (2015, p. 306-313).

(Continuação).
























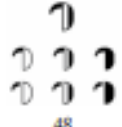
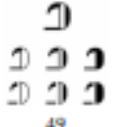









QUADRO DE CONFIGURAÇÕES DE MÃO, DE BARRETO E BARRETO (2015, p. 306-313).

(Continuação).



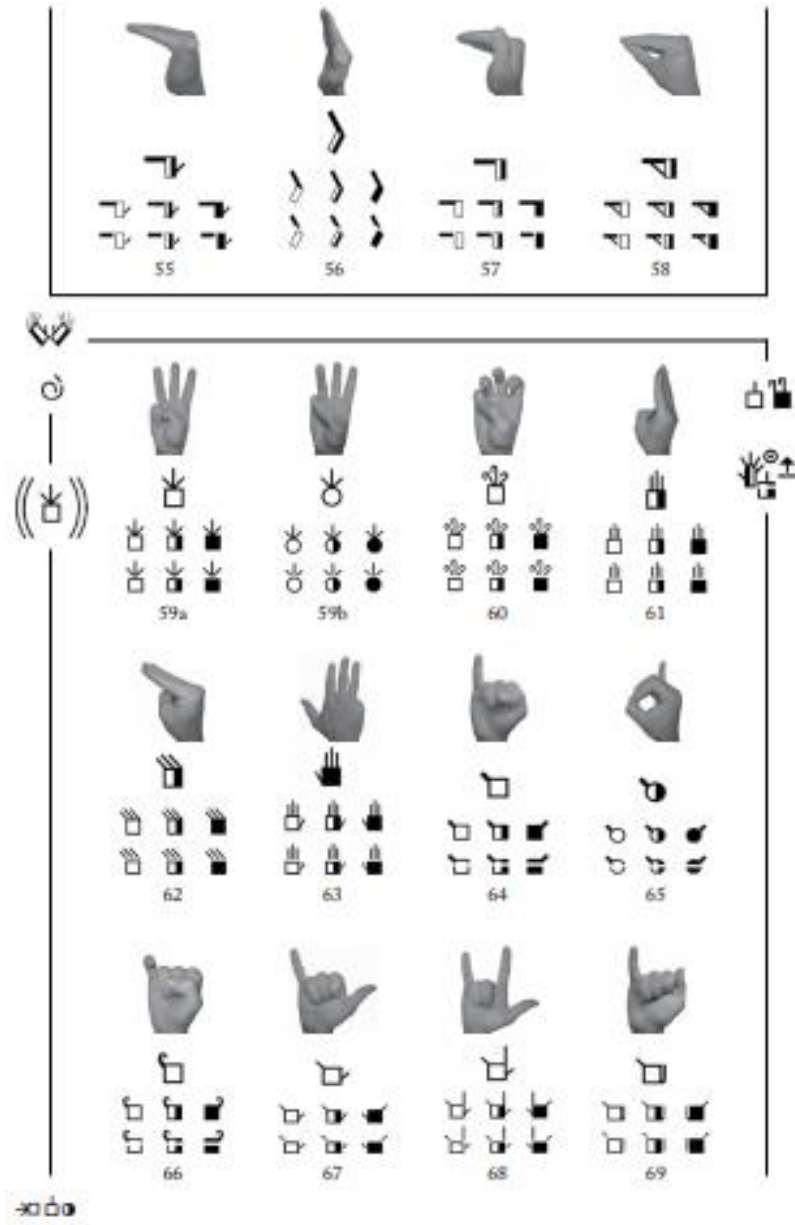
QUADRO DE CONFIGURAÇÕES DE MÃO, DE BARRETO E BARRETO (2015, p. 306-313).

(Continuação).

			
			
39	40	41	42
			
			
43	44	45	46
			
			
47	48	49	50
			
			
51	52	53	54

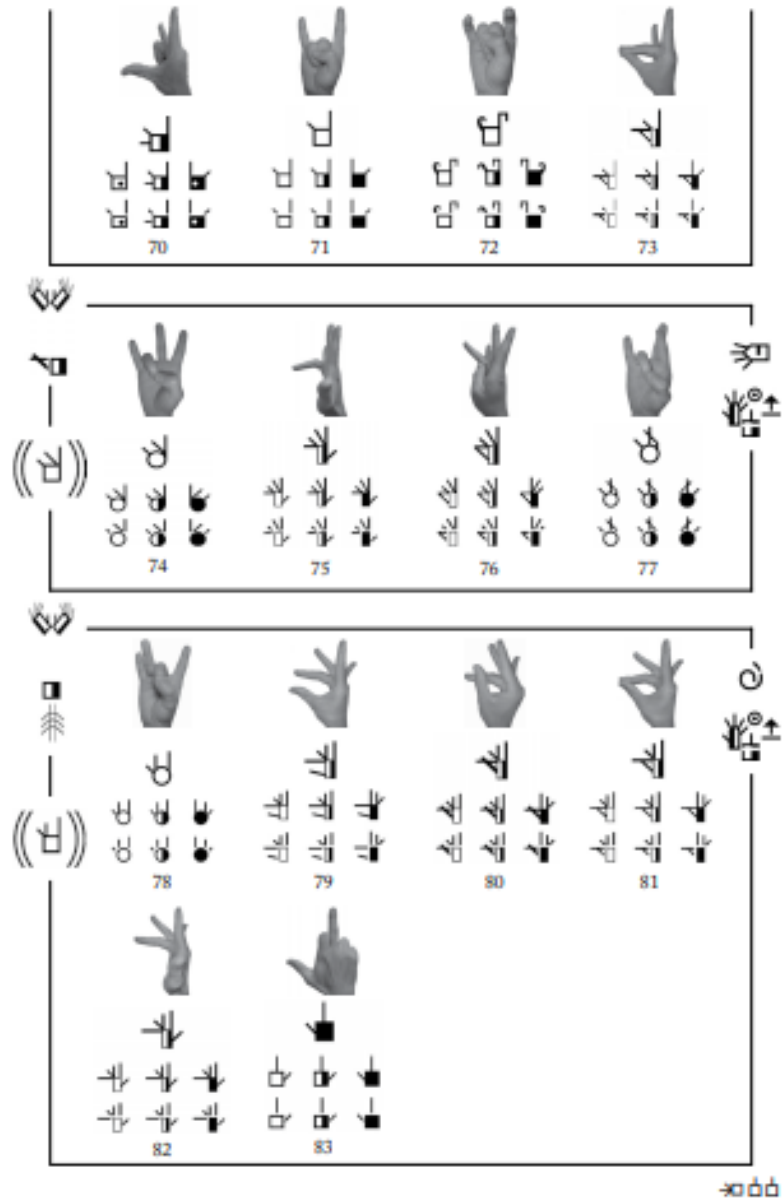
QUADRO DE CONFIGURAÇÕES DE MÃO, DE BARRETO E BARRETO (2015, p. 306-313).

(Continuação).









































































































QUADRO DE CONFIGURAÇÕES DE MÃO, DE BARRETO E BARRETO (2015, p. 306-313).

(Continuação).



QUADRO DE CONFIGURAÇÕES DE MÃO, DE BARRETO E BARRETO (2015, p. 306-313).

(Continuação).

   	                   	                   	                   	                   	                 		
84	85	86	87	88	89	90	91
92	93a	93b	94	95	96	97	98

QUADRO DE CONFIGURAÇÕES DE MÃO, DE BARRETO E BARRETO (2015, p. 306-313).

(Continuação).

